

Prática de Ensino Supervisionada
em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

E se a Música fosse um puzzle?

JOÃO PEDRO MORAIS PINA ADREGA

*Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança
para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

Orientador

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

Bragança

2025

Prática de Ensino Supervisionada
Em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

JOÃO PEDRO MORAIS PINA ADREGA

*Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança
para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

Orientador

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

Bragança

2025

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, de acordo com o disposto no Artigo 10.º das Normas Regulamentares dos Mestrados do Instituto Politécnico de Bragança, de 02 de Fevereiro de 2018, sob orientação científica do Professor Doutor Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso, Professor Coordenador do Departamento de Artes da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

DEDICATÓRIA

*À minha família,
Aos meus amigos...*

“Diga-me e eu esqueço. Ensine-me e eu lembro. Envolve-me e eu aprendo.”

Benjamim Franklin

AGRADECIMENTO

Ao professor orientador, Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso, agradeço a sua disponibilidade total no acompanhamento em todo o processo decorrente do mestrado. Foram muitos os saberes e experiências que partilhou e que me ajudarão no meu futuro.

A todos os professores, deixo o meu reconhecimento pelos momentos de aprendizagem e de incentivo.

Dos meus colegas de mestrado guardarei e sempre retribuirei a amizade que nos uniu e acompanhou nesta etapa das nossas vidas.

Ao diretor do agrupamento de escolas que me acolheu para realizar o estágio, deixo o meu agradecimento pela oportunidade desta experiência tão enriquecedora.

À professora cooperante, expresso o meu maior reconhecimento e estima por ter aceitado acompanhar-me nesta etapa da minha formação. Agradeço a sua disponibilidade total, a partilha de saberes e experiências, os seus conselhos, incentivos, desafios e a sua confiança no meu trabalho.

Aos meus alunos, agradeço a sua envolvimento e empenho na participação e realização das atividades que lhes propus. Eles foram as *peças do puzzle* que, juntos, construímos.

RESUMO

O presente relatório é apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico. Este trabalho é fruto da experiência da minha Prática de Ensino Supervisionada realizada durante o ano letivo 2024-2025. O ano dividiu-se em duas etapas: a primeira, de observação e cooperação com a professora titular da turma; a segunda, de intervenção. *E se a Música fosse um puzzle?*, resultante do diagnóstico recolhido durante as aulas de observação e cooperação, foi um projeto de intervenção pedagógica concretizado com uma turma do 5.º ano do 2.º ciclo do Ensino Básico. Este projeto nasceu com o propósito de equilibrar, na aula Educação Musical, as práticas do domínio “Experimentação e Criação” com as práticas dos restantes domínios das Aprendizagens Essenciais: Interpretação e Comunicação e “Apropriação e Reflexão”. Às práticas de experimentação e criação musical juntou-se a introdução da notação não convencional e da partitura gráfica. Cinco experiências preparatórias anteciparam o projeto final que se dividiu em duas fases: Primeira fase - interpretação de uma partitura gráfica; Segunda fase - composição de uma obra original e registo em partitura gráfica.

Palavras-Chave: Experimentação / criação, improvisação, composição, partitura gráfica, notação não convencional.

ABSTRACT

This report is submitted to the *Escola Superior de Educação* of *Instituto Politécnico de Bragança* to obtain a Master's degree in Music Education in Basic Education. This work is the result of my Supervised Teaching Practice experience carried out during the 2024-2025 academic year. The school year was divided into two stages: the first consisted of observation and cooperation with the class teacher; the second involved active pedagogical intervention. What if Music were a puzzle?, which emerged from the diagnostic process conducted during the observation and cooperation phase, it was a pedagogical intervention project implemented with a 5th-grade class in the second cycle of Basic Education. The project aimed to balance, within Music Education lessons, the practices of the domain “Experimentation and Creation” with those of the other domains of the Essential Learning Framework: “Interpretation and Communication” and “Appropriation and Reflection”. In addition to musical experimentation and creation, the project introduced unconventional notation and the use of graphic scores. Five preparatory experiences preceded the final project, which was developed in two stages: Phase 1 - interpretation of a graphic score; Phase 2 - composition of an original piece and its recording in graphic notation.

Keywords: experimentation / creation, improvisation, composition, graphic score, unconventional notation

ÍNDICE GERAL

Dedicatória.....	v
Epígrafe.....	vi
Agradecimento.....	vii
Resumo.....	viii
Abstract.....	ix
Índice geral.....	x
Índice de figuras.....	xii
Índice de quadros.....	xiii
Índice de anexos.....	xiv
Abreviaturas e siglas.....	xv

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

CAPÍTULO I SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL

1. A ARTE DE ENSINAR.....	7
2. ENSINAR A ARTE.....	9

CAPÍTULO II CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

1. O CONTEXTO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	15
1.1. O Agrupamento e a Escola.....	15
1.2. As turmas.....	18
1.2.1. A turma do 5.º ano.....	18
1.2.2. As turmas do projeto artístico.....	20
1.3. Os espaços e materiais de aprendizagem.....	23
1.4. Os documentos orientadores do processo de ensino e aprendizagem.....	24

CAPÍTULO III

O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

1. A BASE DO PUZZLE	26
1.1. Onde tudo começa	26
1.2. Enquadramento	27
1.3. Objetivos	29
1.4. Estratégias	30
2. A CONSTRUÇÃO DO PUZZLE.....	32
2.1. Experiências preparatórias	32
2.2. Projeto final	38
2.2.1. Constituição dos grupos de trabalho	38
2.2.2. Calendarização	38
2.2.3. Primeira fase - Interpretação de uma partitura gráfica	39
2.2.4. Segunda fase - Composição e registo em partitura gráfica	42
3. AVALIAÇÃO GERAL DO PROJETO	54

CAPÍTULO IV

REFLEXÃO SOBRE AS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

1. DEPOIS DA ÚLTIMA PEÇA	58
2. OS PRÓXIMOS PUZZLES	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXOS	65

ÍNDICE DE FIGURAS

Figuras 1 e 2: Sala de Música	23
Figura 3: <i>Play Composer</i>	33
Figura 4: Enunciado do exercício de improvisação (retirado do manual <i>Play 5</i> , da Porto Editora)	36
Figura 5: Partitura gráfica do tema "Para ti, Maria"	37
Figura 6: Partitura gráfica utilizada na primeira fase do projeto final (retirada da obra <i>Treatise</i> , de Cornelius Cardew. p.15).....	39
Figura 7: Código QR de acesso às gravações da primeira fase.....	40
Figura 8: Peças do Grupo 1 (notação gráfica original).....	44
Figura 9: Puzzle do Grupo 1	44
Figura 10: Peças do Grupo 2 (notação gráfica original).....	46
Figura 11: Puzzle do Grupo 2.....	46
Figura 12: Peças do Grupo 3 (notação gráfica original).....	48
Figura 13: Puzzle do Grupo 3.....	48
Figura 14: Peças do Grupo 4 (notação gráfica original).....	50
Figura 15: Puzzle do Grupo 4.....	50
Figura 16: Peças do Grupo 5 (notação gráfica original).....	52
Figura 17: Puzzle do Grupo 5.....	52

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro Sinótico 1.....	33
Quadro Sinótico 2.....	34
Quadro Sinótico 3.....	35
Quadro Sinótico 4.....	36
Quadro Sinótico 5.....	37
Quadro Sinótico 6.....	42
Quadro Sinótico 7.....	53

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Planificação e reflexão de aula 1.....	66
Anexo 2: Planificação e reflexão de aula 1.1.....	71
Anexo 3: Planificação e reflexão de aula 3.	75
Anexo 4: Planificação e reflexão de aula 12.....	82
Anexo 5: Planificação e reflexão de aula 13	87
Anexo 6: Planificação e reflexão de aula 21.....	93
Anexo 7: Planificação e reflexão de aula 22.....	99
Anexo 8: Planificação e reflexão de aula 32.....	106
Anexo 9: Planificação e reflexão de aula 36.....	112
Anexo 10: Planificação e reflexão de aula 37.	117

ABREVIATURAS E SIGLAS

PASEO: Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória

AEC: Atividades de Enriquecimento Curricular

APEM: Associação Portuguesa de Educação Musical

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A literatura tem vindo a reforçar que ensino e aprendizagem são processos indissociáveis. Freire (1994) afirma que “(...) não há ensino sem aprendizagem, nem aprendizagem sem ensino” (pp. 6–7), sublinhando a inevitável interdependência entre ambos. Fernandes (2009), ao destaca precisamente esta dimensão multidimensional do ato de ensinar, sendo a conceção do “Ensino como Arte” particularmente provocadora e inspiradora para a prática docente. Compreender o ensino/aprendizagem como Arte implica reconhecer o seu carácter humano, singular e imprevisível. Para Fernandes (2009), o ensino utiliza a ciência, mas não é uma ciência, porque se orienta para cada pessoa e, por isso, resiste a regras rígidas ou algoritmos. Nesta perspetiva, os professores assumem-se como verdadeiros artistas: não porque trabalhem diretamente com as sete Artes, mas porque procuram alcançar e transformar cada criança, moldando caminhos de crescimento pessoal, académico e social. Os professores, tal como artistas, reinventam-se continuamente, sobretudo num mundo em que a inteligência artificial redefine o acesso à informação e aos saberes. Contudo, como o autor defende (Fernandes, 2019), nenhuma tecnologia poderá substituir o carácter imprevisível, relacional e profundamente humano que define o ensino como Arte. Para que este processo seja possível, o currículo deve também renovar-se e atualizar-se. Roldão (2000) lembra que o currículo parte das necessidades socialmente reconhecidas, sendo imperativo que permita às crianças ir além da mera reprodução de conhecimentos. Neste sentido, Araújo e Veloso (2016), apoiadas na Sociologia da Infância, alertam para a necessidade de reconhecer cada criança como ator social, autor, intérprete e produtor de conhecimento (p. 68). Os professores-artistas, o currículo e a comunidade educativa devem, assim, convergir para garantir que cada criança encontra espaço para criar, experimentar e desenvolver a sua identidade. É neste quadro que a Música assume um papel decisivo. A Música acompanha o ser humano desde o nascimento e, como refere Herzfeld (1992), traduz sentimentos e emoções, sendo muito mais do que organização sonora: é expressão humana (p. 9). Por isso, a Educação Musical ocupa um lugar relevante na formação integral, contribuindo não apenas para competências musicais, mas também para competências cognitivas, emocionais e sociais. Apesar disso, a disciplina tem enfrentado desvalorizações curriculares e organizacionais que dificultam o acesso efetivo das crianças à prática musical (Araújo & Veloso, 2016).

Ao longo do Mestrado, tornou-se evidente que a Educação Musical necessita de professores criativos. Desde cedo, desejei proporcionar às minhas futuras turmas algo

inovador, que promovesse surpresa, descoberta e motivação. Durante a fase de observação e cooperação, analisando os domínios das Aprendizagens Essenciais, identifiquei que “Experimentação e Criação” surgia menos desenvolvido do que os domínios “Interpretação e Comunicação” e “Apropriação e Reflexão”. Este diagnóstico levou-me a centrar o meu projeto de Prática de Ensino Supervisionada precisamente na experimentação e criação musicais. Definiu-se que o projeto se estruturaria a partir da exploração de partituras gráficas e notação não convencional. A turma de 5.º ano, com reduzida experiência prévia neste tipo de linguagem, revelava o cenário ideal para promover uma experiência verdadeiramente nova em sala de aula. A metáfora *E se a Música fosse um puzzle?* emergiu como forma de explicar o processo de composição aos alunos: tal como as peças de um puzzle, também as diferentes secções musicais — introdução, partes, interlúdios — se organizam para formar um todo coerente.

A escolha da partitura gráfica fundamenta-se em diversos autores. Azzara e Grunow (2006) assumem que todos nascemos improvisadores e que a improvisação deveria ser prática natural na formação musical, e não fonte de ansiedade. Higgins e Mantie (2013) defendem que a improvisação não deve ser apenas uma competência escolar, mas um hábito de vida que promove criatividade e liberdade. Willems (1970) sublinha o papel central da improvisação e composição no desenvolvimento sensorial e musical das crianças. Por sua vez, Machado (2019), com base em Wenger (2008), destaca que as práticas de composição desenvolvem a identidade e fortalecem a turma enquanto comunidade de prática. E, relativamente ao registo musical, Glover e Scaife (2004) alertam que a ênfase precoce na notação convencional pode restringir a criatividade, defendendo a partitura gráfica como “mapa mental” do compositor e via privilegiada de articulação entre gesto sonoro e representação visual. Assim, partindo da conceção do ensino como Arte e da convicção de que a expressão musical deve ser vivida e construída pelas crianças, este projeto procura devolver à Educação Musical o seu carácter criativo, exploratório e profundamente humano. *E se a Música fosse um puzzle?* nasce, por isso, da necessidade de proporcionar aos alunos um espaço para experimentar, improvisar, criar e reconhecer-se como autores, afirmando, finalmente, que ensinar e aprender Música é, verdadeiramente, uma Arte.

No que concerne a organização interna, o presente relatório está organizado em quatro capítulos. O capítulo I tem o título “*Ser professor de Educação Musical*”. O primeiro ponto, *Arte de Ensinar*, é uma abordagem inicial e geral à profissão de professor. No segundo ponto, *Ensinar a Arte*, reflito, em particular, sobre a disciplina e a docência de Educação Musical.

Esta análise é enriquecida pela articulação da minha perspectiva pessoal e referências bibliográficas que considere pertinentes ao tema. No capítulo II, “*Caracterização do Contexto de Intervenção Pedagógica*”, relato os resultados do diagnóstico que efetuei durante a fase de observação e cooperação. Partindo do geral para o particular, caracterizo o Agrupamento e a Escola Básica que me acolheram, as turmas que me foram atribuídas e os principais espaços de ensino/aprendizagem. Ainda neste capítulo, apresento o projeto artístico que o Agrupamento organiza e listo os documentos que orientaram a minha intervenção pedagógica. O capítulo III, “*Desenvolvimento da Aprendizagem Profissional*”, é o mais extenso deste trabalho. É, neste capítulo, que apresento o projeto *E se a Música fosse um puzzle?*. A *Base do Puzzle* é composta por uma breve contextualização, *Onde Tudo Começa*, que relaciona o diagnóstico resultante da fase de observação e cooperação com as principais tomadas de decisão. De seguida, apresento o *Enquadramento*, mostrando os resultados da minha pesquisa, leitura e análise de referências bibliográficas que fundamentam as minhas opções pedagógicas. A este ponto segue-se a listagem dos objetivos geral e específicos definidos para o projeto. A cada objetivo específico correspondem estratégias que estão posteriormente elencadas. No ponto 2., *Construção do Puzzle*, relato as principais atividades desenvolvidas. Neste tópico, mostro como conduzi o projeto a partir das *Experiências Preparatórias* até ao *Projeto Final*. As *Experiências Preparatórias* são apresentadas e descritas de forma cronológica. Após a descrição de cada atividade, os respetivos quadros sinóticos possibilitam uma melhor leitura e compreensão da avaliação de cada experiência. A avaliação é de caráter qualitativo e resulta da aplicação eficaz das estratégias definidas para cada atividade, tendo em vista o cumprimento dos objetivos específicos. Relativamente ao *Projeto Final*, apresento, inicialmente, a *Constituição dos Grupos de Trabalho* e a *Calendarização*. O *Projeto Final* foi dividido em duas fases: *Primeira Fase - Interpretação de uma Partitura Gráfica* e *Segunda Fase - Composição e Registo em Partitura Gráfica*. Tal como no ponto anterior, relato as principais incidências desde a conceção até à realização dos trabalhos de cada fase e exponho os seus produtos finais. Também para estas atividades atribuo uma avaliação através de um quadro sinótico. A *Avaliação Geral* do projeto encerra o capítulo. Já com discurso conclusivo, no capítulo IV, efetuo a “*Reflexão sobre as Competências Profissionais*”. O primeiro ponto, *Depois da Última Peça*, diz respeito à experiência deste ano letivo de *Prática de Ensino Supervisionada*. No segundo, *Os Próximos Puzzles*, perspetivo e justifico o modo como pretendo encarar o futuro enquanto professor de

Educação Musical. Por fim, listo as referências bibliográficas citadas e os anexos pertinentes à leitura deste relatório.

Em suma, este trabalho surge não apenas como uma reflexão sobre a importância do ensino como Arte e sobre o papel transformador da Educação Musical, mas também como uma proposta prática que procura devolver às crianças o direito de criar, experimentar e expressar-se musicalmente. Ao desenvolver o projeto *E se a Música fosse um puzzle?*, pretendeu-se promover a exploração sonora, a improvisação e a composição através da partitura gráfica, possibilitando aos alunos experienciar a música como espaço de descoberta e autoria. Assim, esta intervenção procura demonstrar que o pensamento criativo pode, e deve, ocupar um lugar central no ensino da música, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa, humana e transformadora.

CAPÍTULO I
SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL

1. A ARTE DE ENSINAR

Ensinar é um conceito de significado amplo que se funde com outros conceitos-chave de igual relevância: aprendizagem, educação, pedagogia, currículo, entre outros. Ao longo dos tempos, inúmeros investigadores e autores procuraram estudar e definir o que é o ensino, o que é ensinar. Freire (1994), pedagogo de referência na área da Educação, sugere que ensino e aprendizagem são conceitos que se confundem, não existindo ensino sem aprendizagem e aprendizagem sem ensino. (p. 6-7). Comungando desta perspectiva, fará sentido assumir o ensino/aprendizagem como um processo único e indissociável.

Fernandes (2009) elenca quatro concepções do processo de ensino/aprendizagem: o “Ensino como Trabalho”, o “Ensino como Ofício”, o “Ensino como Profissão” e o “Ensino como Arte”. Embora as quatro concepções estejam intimamente associadas, o tema deste relatório de estágio conduziu-me a uma reflexão mais profunda sobre a temática “Ensino como Arte”.

Será desafiante pensar o ensino/aprendizagem como Arte. O ensino é Arte? Certamente, não será uma Arte entendida com um produto que possa ser apreciado numa sala de espetáculos, cinema, exposição ou museu. O que se aprecia nestes espaços são produtos finais, fruto de um longo processo de ensino/aprendizagem, seja num contexto educativo, seja a nível profissional. A Arte de cada processo de ensino/aprendizagem encontra-se naquele que, para Fernandes (2009), deve ser o propósito por excelência: chegar a cada pessoa. “As práticas estão claramente orientadas para cada pessoa e não são standardizadas e, por isso, o ensino é dificilmente orientado por regras ou por orientações precisas e algorítmicas”. O autor, ainda, reflete: “Ensinar é utilizar a ciência, mas não é uma ciência porque é imprevisível por natureza. (Fernandes, 2009)”. Olhar para o ensino/aprendizagem desta forma pressupõe assumir os professores como verdadeiros artistas, não por trabalharem diretamente com alguma das conhecidas sete Artes, mas por se envolverem com cada turma com o propósito de alcançar e transformar cada criança. Os professores são artistas, porque marcam a vida das crianças. Por vezes, basta um ano letivo de convivência para que uma criança se reveja no seu professor. Seria pertinente a elaboração de um estudo que analisasse a influência dos professores nas tomadas de decisão de cada aluno a nível académico com vista ao futuro profissional. Não será surpreendente que, no panorama das Artes, tal influência seja mais propícia.

Os professores são artistas, porque têm de conviver, cada vez mais, com a multidisciplinaridade, tendo de preparar cada criança para o mundo atual, o que ultrapassa o conforto de transmitir e aplicar, apenas, conteúdos da disciplina que dominam e lecionam. Para Araújo e Veloso (2016), e fazendo uma aproximação ao Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO), a criança deve ser muito mais do que uma “reprodutora de saberes”. Pelo contrário, a autora, sustentada nas propostas da nova Sociologia da Infância, alerta para a “(...) necessidade de valorizar a criança como ator social, competente, sujeito, autor, intérprete e produtor de conhecimento (...)” (p.68).

Por outro lado, os professores são artistas, porque também eles têm e sentem a obrigação de estar em constante aprendizagem, mesmo enquanto ensinam. Refiro-me, não só, à célebre expressão “os professores também aprendem com os alunos”, mas, sobretudo, aos desafios que o novo mundo coloca. O eclodir da inteligência artificial será, porventura, a prova mais desafiante à capacidade de reinvenção de cada professor e ao próprio processo de ensino/aprendizagem. Para que servirá o ensino, para que servirão os professores se as máquinas, em qualquer lugar e à distância de um clique, podem e conseguem dar resposta a praticamente todas as questões que lhes colocarem? De facto, a inteligência artificial não está de passagem e a expectativa é que, cada vez mais, influencie a aprendizagem das crianças. Acesso rápido à informação não se traduzirá, imediatamente, em aprendizagem igualmente rápida e eficaz. É, neste contexto, que se torna pertinente recuperar o trabalho de Fernandes (2019). A inteligência artificial e outras práticas standardizadas e algorítmicas que possam surgir no futuro nunca substituirão o carácter imprevisível que leva o autor a assumir o “Ensino como Arte”, reiterando a necessidade de chegar a cada criança.

É, portanto, neste sentido, que professores, comunidade escolar e educativa, poderes local e central devem convergir, renovando e atualizando o currículo, que, para Roldão (2000), parte das necessidades socialmente reconhecidas, e potenciando que cada criança se torne muito mais do que o já referido “reprodutor de saberes”. Desta forma, anular-se-á o constrangimento detetado por Araújo e Veloso (2016): as crianças são levadas despir a roupagem de criança para vestir a de aluno.

Por tudo isto, os professores são verdadeiros artistas que carregam consigo a responsabilidade e a *Arte de Ensinar*.

2. ENSINAR A ARTE

“O que levou o homem a inventar a música?” (Herzfeld, 1992, p.9) é uma pergunta que desperta a atenção e incentiva a procura de respostas. O autor, através de exemplos da natureza, nomeadamente as ondas, o vento e, mais tarde, os animais, reconhece o som como uma realidade pré-existente ao Homem). Com o passar dos tempos, o som tornou-se a estratégia de comunicação mais eficaz da Humanidade, originando inúmeros idiomas que, constantemente, se difundem e evoluem de geração em geração. E a Música? O que a distingue?

A Música, tal como o ensino, é um conceito de difícil definição. São muitos os que a entendem como “organização de sons” e “linguagem universal”. Serão, no entanto, tentativas de definição incompletas. O que distingue a Música é o sentimento, a emoção. Herzfeld (1992) é claro: “A música pertence ao homem apenas, porque só a ele é dado o conhecimento do mundo. O homem traduz os sentimentos com a música. A música é, pois, mais do que som: é tradução dos sentimentos humanos.” (p.9). As pessoas apreciam Música, porque se sentem emocionalmente identificadas. Há, cada vez mais, artistas e bandas que arrastam multidões para os seus concertos pela comunhão de sentimentos e emoções. A Música ganhou, assim, uma dimensão cultural e social no quotidiano de qualquer pessoa. A Música é Arte, e é difícil conceber algumas áreas artísticas sem Música. O que seria da Dança sem a Música? O que seria do Teatro sem a Música? O que seria do Cinema sem a Música?

O propósito deste trabalho é maior do que justificar a necessidade das pessoas ouvirem Música. Mais do que ouvir, as pessoas devem praticar. Ano após ano, são publicados artigos de referência que associam a Música e a prática musical a benefícios nas áreas da saúde e da educação. Não excluindo a importância de analisar a relação com a saúde, o foco deste trabalho é o contexto educativo.

A Música integra a vida das pessoas praticamente desde o nascimento. As crianças, mesmo antes de aprenderem a falar, cantam; os pais ensinam-lhes as primeiras palavras, cantando também; cantam para os acalmar e adormecer: é a lalação. O próprio choro de um bebé é uma melodia. A conjugação destes exemplos práticos com estudos de autores de referência proporcionou que a Música entrasse, justificadamente, nas escolas e no currículo, sob a designação de Educação Musical.

Os ajustes e adaptações do currículo pautam a história da Educação Musical. Porventura, a grande luta da disciplina será procurar e assumir o protagonismo que já teve

outrora, sendo essencial no currículo. O mesmo não se verifica, atualmente. A cada ajuste que se efetua no currículo, a Educação Musical vai perdendo estatuto. Ainda que os documentos curriculares de referência pretendam assumir uma ideia contrária, efetivamente, a disciplina, deixou de ser considerada essencial para se tornar um mero “passatempo” que entretém os alunos durante uma/duas horas semanais. Para Araújo e Veloso (2016), trata-se de uma desvalorização do governo central resultante da desconsideração cultural, a nível geral, que a profissão dos músicos sofre na sociedade (p.66). Ainda que continue a haver muitos jovens com ambição de prosseguir estudos em Música e ambicionando uma carreira na área, na verdade, a profissão de músico “socialmente reconhecido” é, cada vez mais, limitada a elites e difícil de alcançar.

A Educação Musical, para além de se poder considerar como um ponto de partida para os que ambicionam construir carreira, é e tem de ser voltada para todos. “As crianças têm normalmente necessidade da expressão musical, plástica, de desenhar para enunciarem o que não conseguem confiar à expressão verbal (...)” (Araújo & Veloso, 2016, p.70). Como já referi, o Estado reconhece o poder desta e de outras análises de referência que reivindicam os benefícios da Música e da Educação Musical. Tome-se, como exemplo, o conteúdo das Aprendizagens Essenciais:

(...) podemos olhar para a música como um veículo extraordinário no desenvolvimento de capacidades pessoais e sociais imprescindíveis às vidas das crianças. Desta forma, propõe-se que, à medida que progredem, os alunos aprofundem a sua apreciação, compreensão e desempenho musicais, permitindo criar, recriar e ouvir através do desenvolvimento de competências de experimentação, de improvisação, de composição, de escuta, de reflexão, de movimento, de interpretação (no sentido de performance), contribuindo para a sua formação como sujeitos criadores e fruidores de Música. (Direção-Geral da Educação, 2018, p.2).

Assim, a posição oficial do Estado, descrita nas Aprendizagens Essenciais sobre a disciplina, é, de certa forma, incoerente em relação ao que acontece, efetivamente, na organização do currículo.

Não sendo o foco deste relatório, uma vez que o grupo-alvo são os alunos do 2.º ciclo do Ensino Básico, torna-se pertinente refletir sobre a organização do 1.º ciclo. Como referi anteriormente, a Música é a primeira forma de expressão de qualquer criança. As crianças cantam e os seus pais cantam para elas. No ensino/aprendizagem pré-escolar, na creche ou no jardim de infância, também se reconhece a Música como um veículo forte de transmissão de

competências e conhecimentos. As crianças aprendem as primeiras palavras a cantar: as cores, as estações do ano, os meses e dias da semana, os números... Ainda que o objetivo não seja propriamente a aprendizagem ou prática musical, o facto de se recorrer à Música para se atingir um outro fim já é assinalável. Contudo, do pré-escolar para o 1.º ciclo, perde-se muito desta essência, sendo a partir desta transição que as crianças, como referem as autoras Araújo e Veloso (2016), se despem da sua roupa para vestir a de aluno.

A criação das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) é uma tentativa de colmatar a perda artística neste ciclo. No entanto, é uma iniciativa que tem deixado muito a desejar. Em primeiro lugar, a sua organização passou a ser competência do governo local, das Câmaras Municipais, o que leva a que, apesar da existência de orientações gerais, não haja, propriamente, um fio condutor, desde logo, na igualdade de acesso às ofertas disciplinares. As AEC são de carácter opcional e a Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM) aborda-as como uma espécie de “suplemento recreativo” que desresponsabiliza os professores do 1.º Ciclo que, apesar do dever de abordar a Música no currículo, não o fazem, muitas vezes, por não se sentirem preparados para tal. (APEM, 2016, pp.2-3).

Agravando a questão, a Direção-Geral da Educação, sobretudo pela forma como tem organizado o acesso aos documentos curriculares, sugere a concentração da Música, Dança, Artes Visuais e da Expressão Dramática/Teatro na designada “Educação Artística”. Ainda que cada área artística tenha o respetivo documento de Aprendizagens Essenciais, esta organização pode apresentar-se para as autarquias como uma possibilidade tentadora: quatro áreas artísticas numa só disciplina e lecionada pelo mesmo professor.

A questão da docência é, igualmente, preocupante. Por haver falta de professores e pela escassa remuneração, as AEC são entregues, cada vez mais, acessíveis a pessoas sem qualquer experiência e formação adequada.

Mais difícil de compreender é a existência de um “Programa de Expressões Artísticas e Físico-Motoras do Ensino Básico - 1.º Ciclo”, ainda que revogado em 2021. Se a Educação Musical tem lutado contra a pouca carga letiva que lhe é atribuída, ainda mais terá de lutar para que a tentação de junção das áreas artísticas numa só disciplina não transite para o ciclo seguinte.

É no 2.º ciclo do Ensino Básico, 5.º e 6.º anos de escolaridade, que a Educação Musical tem, ainda, alguma estabilidade, sendo disciplina obrigatória no currículo, uma vez que, no 3.º ciclo, a oferta é, atualmente, muito residual:

O 2º ciclo é o espaço curricular com uma maior implantação da Educação Musical: até três horas por semana e ensinada por um professor especialista. Com uma presença na escola bem definida e em paridade com todas as outras áreas do currículo, os alunos têm acesso a dois anos de formação numa perspectiva digna e conseqüente a qual infelizmente não tem a continuidade necessária no ciclo seguinte. (Mota, 2014, p.45).

Os professores de Educação Musical são privilegiados por poderem lecionar uma disciplina em que, como indicado no também revogado Programa de Educação Musical do 2.º ciclo do Ensino Básico, a prática deve ser prioritária relativamente à teoria. Não surpreende, por isso, que os alunos se sintam mais motivados a frequentar as suas aulas em comparação com outras disciplinas: “Fazer Música é a questão mais importante. Teoria e informação são meios e suportes que, por si só, não levam à compreensão musical. Nunca poderão substituir-se ao envolvimento pessoal dos alunos com a Arte.” (Direção-Geral da Educação, s.d., p.213).

Ainda assim, fruto de uma certa anarquia na organização das AEC, os professores de Educação Musical vão recebendo turmas algo desmotivadas para a disciplina. As crianças vão perdendo o gosto por cantar e chegam depois de poucas ou nenhuma oportunidade de tocar instrumentos *Orff*, por exemplo. Tem sido, por conseguinte, fora do contexto da aula, através dos seus consumos musicais, que as crianças vão mantendo e cultivando o gosto pela Música.

Um dos temas polémicos da atualidade da Educação Musical é, precisamente, a entrada dos gostos musicais dos alunos na sala de aula. A Música vai evoluindo e os consumos de hoje são bastante diferentes em relação à década passada. Tome-se o exemplo do *funk* brasileiro que, fruto das redes sociais, vai captando a atenção das crianças. Nem sempre será fácil, até porque as temáticas das canções que ouvem não se adequam ao contexto educativo e pedagógico. Ainda assim, um professor criativo poderá recorrer às canções em questão e promover, por exemplo, a produção de uma nova letra. Será um grande desafio, principalmente, para os professores que se aproximam da fase final da carreira; será complicado ver-se obrigado a mudar de estratégias, no que diz respeito ao repertório, depois de tantos anos a trabalhar com outro. Naturalmente, o professor pode e deve dar a conhecer aos alunos o repertório que sugere para cultivar novos gostos e consumos musicais. Ainda assim, permitir a entrada das preferências musicais dos alunos na sala de aula poderá ser uma ótima estratégia no sentido de voltar a motivar os alunos para a prática musical. É desafiante, mas necessário. A Educação Musical precisa de criatividade e de professores criativos.

Por outro lado, os professores de Educação Musical não se podem excluir das atividades, devem ser o exemplo para as suas turmas, ser mais um na sala de aula a cantar e a

tocar com os alunos, mas que, pela sua função, formação e experiência, têm a responsabilidade de ensinar.

Neste primeiro capítulo, ficam explicitados alguns constrangimentos a que a disciplina de Educação Musical está exposta e que influenciam a participação e o acesso das crianças à Música e à Arte. Fatores externos, como as decisões governamentais e a opinião social sobre a Música, têm afastado as crianças do essencial: não a participação nos eventos da escola, mas a própria prática musical em contexto da sala de aula, com todos os benefícios a ela associados e reconhecidos. Contudo, também a própria disciplina e os seus professores precisam de se alinhar e encontrar o rumo, acautelando os constrangimentos com novas estratégias e com o foco em cada aluno, para que a Educação Musical ocupe o lugar que merece.

***CAPÍTULO II
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA***

1. O CONTEXTO DE INTERVENÇÃO

1.1. O AGRUPAMENTO E A ESCOLA

A minha intervenção pedagógica decorreu numa instituição de ensino público pertencente a um Agrupamento de Escolas localizado na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, de Portugal continental. Do Projeto Educativo 2022/2025 consta a informação de que a área geográfica na qual se insere o agrupamento é classificada como Património Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). O turismo rural, cultural e religioso, a gastronomia e o enoturismo constituem-se como principais áreas de interesse da região.

A área envolvente é urbana e sede de concelho. A cidade é enriquecida por diversos monumentos, espaços e associações culturais que, de certa forma, poderão ser consideradas pertinentes para a Educação Musical: teatro municipal, academia e escolas de Música, escolas de dança, bandas filarmónicas, entre outras...

A nível educativo existem dois agrupamentos de escolas e uma escola privada. O agrupamento onde realizei o estágio é o que conta mais alunos em todos os ciclos de ensino, desde o ensino pré-escolar até ao ensino secundário.

Após diversas adaptações, acompanhando as necessidades do meio envolvente e da comunidade, o agrupamento de escolas mantém a estrutura do mais recente “(...) processo de agregação homologado por despacho de 28 de junho de 2012 (...)” (documentação oficial do agrupamento), integrando cinco estabelecimentos de ensino: três centros escolares (pré-escolar e 1.º ciclo), uma escola básica de 2.º ciclo, mas que integra também o 7.º ano e uma escola secundária que integra os 8.º e 9.º anos. A escola secundária apresenta, como oferta educativa, cursos científico-humanísticos, cursos profissionais, cursos de educação e formação de adultos e formações modulares.

Relativamente à estrutura organizacional, contabilizando as turmas dos estabelecimentos de ensino básico e secundário, o agrupamento registou, no ano 2024/2025, os seguintes números:

- 1.º Ciclo:
 - Turmas de 1.º ano - 6;
 - Turmas de 2.º ano - 7;
 - Turmas de 3.º ano - 6;
 - Turmas de 4.º ano - 6.

- 2.º Ciclo:
 - Turmas de 5.º ano - 6;
 - Turmas de 6.º ano - 5;

- 3.º Ciclo:
 - Turmas de 7.º ano - 6;
 - Turmas de 8.º ano - 6;
 - Turmas de 9.º ano - 6.

- Ensino Secundário:
 - Turmas de 10.º ano - 6;
 - Turmas de 11.º ano - 6;
 - Turmas de 12.º ano - 6.

O agrupamento tem assumido e defendido a valorização da Educação Artística e da Educação Musical, em particular.

É de salientar que este é dos únicos agrupamentos da região em que o 7.º ano (3.º ciclo) ainda tem Educação Musical: “Semestre Musical”. No entanto, como a designação já sugere, existe uma condicionante: os alunos do 7.º ano, ao contrário dos alunos do 2.º ciclo, apenas têm Educação Musical durante um dos semestres, alternando com a frequência das aulas de Artes Visuais.

Realça-se, também, a implementação do projeto “Práticas e Experiências Artísticas” que abrange os 2.º e 3.º ciclos. Este projeto, apoiado pela Câmara Municipal, nasceu no ano letivo 2022-2023, após o Conselho Pedagógico ter aprovado uma nova Matriz Curricular: “O Departamento de Expressões desenvolveu e estruturou uma série de ações sequenciadas e interligadas que reconhecem a Arte enquanto forma de conhecimento e que visam proporcionar aos discentes, em cada semestre, um conjunto alargado de experiências em diferentes áreas artísticas.” (documentação oficial do agrupamento). Partindo, portanto, para a 3.ª edição, este projeto, de carácter obrigatório e a funcionar semanalmente, prevê que os alunos escolham, para cada semestre, uma das seguintes opções:

- Artes e Ofícios;
- Expressão Cénica e Teatro;
- Meio (ano) a Cantar / 100% Cantar;
- Meio (ano) a Tocar / 100% Tocar;
- Movimento Coreografia e Dança;
- Semestre Musical (7.º ano);
- Complemento à Educação Artística (9.º ano);
- Artes de Palco (9.º ano);

A possibilidade de selecionar a área artística proporciona que as turmas se misturem, incrementando maior convívio entre alunos. Uma vez escolhida a área artística, o aluno não poderá repeti-la. A finalidade é que os estudantes experienciem todas as propostas oferecidas.

Relativamente ao funcionamento do projeto, cada área trabalha de forma autónoma, mas unidas pelo tema que dará origem a um espetáculo aberto à comunidade. Na prática, cada área discute, propõe e ensaia uma performance relacionada com o tema para, posteriormente, ser apresentada nos espetáculos finais de semestre. Estes são realizados no Teatro, espaço cultural de maior prestígio do concelho e da região. O projeto prevê, ainda, a realização de mais dois espetáculos intermédios, exclusivamente dedicados à Música. O objetivo é que, nestes espetáculos, os alunos inscritos nas opções relacionadas com a Música possam apresentar o restante repertório, trabalhado ao longo do semestre, e que não têm possibilidade de o fazer no espetáculo final. Os ensaios gerais, na semana que antecede o evento, realizam-se, já, no local do evento, o que implica deslocações dos alunos, ajustes de horários e supressão de algumas aulas. Quer o desenvolvimento do projeto, quer as apresentações finais são alvo de registo fotográfico e videográfico para, depois, se tornarem públicos em fontes oficiais do agrupamento.

No ano letivo 2024/2025 realizaram-se os seguintes espetáculos:

- 07/01/2024 - Janeir'Art (Espectáculo intermédio - Música);
- 24/01/2024 - Espectáculo final de semestre com o tema “Era uma vez... um português de Portugal - Camões 500 anos”;
- 13/05/2025 - Mai'Musical (Espectáculo Intermédio - Música);
- 30/05/2025 - Espectáculo final de semestre alusivo à cidade.

A aposta do agrupamento na componente artística, aliada ao número considerável de turmas na Escola Básica, implica a colocação quatro docentes para lecionar a disciplina de Educação Musical e coorganizar o projeto artístico. Este é mais um indicador expressivo que diferencia este agrupamento, empenhado na valorização e defesa da educação artística, de outros, nos quais, na maioria dos casos, é suficiente a colocação de apenas um professor.

1.2. AS TURMAS

As diretrizes da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada recomendam que, preferencialmente, o estágio decorra com uma turma de cada ano do 2.º ciclo do Ensino Básico: uma de 5.º ano e uma de 6.º ano. No entanto, questões relacionadas com a distribuição de serviço entre os quatro docentes da disciplina de Educação Musical, nomeadamente, o facto de nenhum dos professores ter, simultaneamente, turmas de 5.º e 6.º anos, levou a que a opção mais viável para a realização do estágio, fosse a atribuição de, apenas, uma turma de 5.º ano, na disciplina de Educação Musical (ao invés de ter dois professores orientadores, um para cada turma). Foi-me solicitada, ainda, a colaboração no projeto artístico do agrupamento através do acompanhamento de duas turmas de 7.º ano (Semestre Musical), uma de 5.º ano e uma de 6.º ano, na vertente Meio (ano) a Tocar / 100% Tocar.

1.2.1. A TURMA DO 5.º ANO

Como referido, foi, apenas, na turma do 5.º ano que lecionei a disciplina de Educação Musical, pelo que, o foco deste relatório incide no trabalho realizado ao longo do ano letivo com esta turma.

Horário de Educação Musical:

- Terça-feira, das 16:00 às 17:00;
- Quinta-feira, das 11:20 às 12:20.

A turma é composta por 20 alunos: 13 do género feminino e 7 do género masculino. Registe-se que duas alunas frequentam uma escola particular de Música: uma é aluna de piano e canto e toca clarinete numa banda filarmónica; outra é aluna de bandolim.

A análise seguinte reúne não só dados da fase de observação e cooperação mas também da fase da minha intervenção. Serão explanadas considerações acerca da organização/fluência das aulas e da caracterização da turma que se tornam pertinentes para o relatório.

Em primeiro lugar, destaco a opção da professora cooperante em seguir a proposta do manual *Play*, da Porto Editora, que foi adotado pela escola e se enquadra nas Aprendizagens Essenciais e no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória. O processo de ensino/aprendizagem privilegia a prática, sem descurar o conhecimento teórico, respeitando as orientações do Programa de Educação Musical do 2.º ciclo do Ensino Básico.

As aulas, com a duração de 60 minutos, implicam uma gestão rigorosa do tempo para que se cumpra a planificação de cada aula. Neste aspeto, registei que o arranque da aula é, muitas vezes, algo demorado. Frequentemente, entre o toque de entrada, a chegada dos alunos, o registo do sumário e a marcação de faltas de presença e de material passam 10 a 15 minutos, acabando por sobrar pouco tempo útil para a concretização da planificação.

No que toca à prestação dos alunos na disciplina considero que, em geral, o nível de aproveitamento e rendimento da turma é muito bom. Realço o gosto que os alunos demonstraram no canto, sobretudo quando realizado em conjunto. Este aspeto é assinalável, uma vez que costuma ser a partir desta idade que os alunos manifestam algum constrangimento no momento de cantar.

Relativamente à prática instrumental, a flauta de bisel foi o recurso principal, sobretudo ensaiando e interpretando as peças do manual. A análise da partitura e a leitura rítmica tornaram-se prática habitual antes de ensaiar e tocar cada peça. A turma correspondia bem; em algumas ocasiões com mais facilidade, outras com menos, mas o resultado final foi sempre positivo; não registei nenhuma peça que a turma não tivesse conseguido corresponder. Naturalmente, nem todos estavam ao mesmo nível, havendo alunos com mais dificuldades, quer por imprecisões rítmicas e melódicas, quer por questões técnicas relacionadas com a intensidade do sopro e a colocação dos dedos. Detetados os casos e prestada a ajuda necessária, as dificuldades iam-se dissipando de forma gradual.

O recurso aos instrumentos *Orff*, em virtude da sua utilização regular no desenvolvimento do projeto artístico, tornou-se mais esporádico no contexto da Educação Musical. Ainda assim, tive a oportunidade de propor e concretizar algumas planificações com a utilização dos instrumentos de sala de aula, o que motivou a turma, fruto da surpresa por realizarem uma atividade diferente das “rotinas habituais”.

O conhecimento teórico foi avaliado através da realização de fichas de avaliação. No primeiro período, a ficha foi preparada e corrigida pela professora cooperante. Nos segundo e terceiro períodos, uma vez que a matéria objeto de avaliação foi lecionada por mim, auxiliiei a professora na elaboração e correção dos testes.

Média dos resultados das fichas de avaliação:

- 1.º Período - média de 82,45%;
- 2.º Período - média de 82,6%;
- 3.º Período - média de 77,55%

Em todas as fichas de avaliação, vários alunos obtiveram a classificação máxima, 100%; nos 2º e 3º períodos, apesar de escassas, também se registaram classificações inferiores a 50%; a descida da média das classificações no 3.º período está relacionada com a realização do projeto de intervenção, uma vez que, com a implementação do projeto, a matéria alvo de avaliação não foi tão consolidada.

No que concerne às atitudes e valores, também com peso na avaliação final de período, apesar das muitas conversas paralelas e distrações registadas e que, de certa forma, condicionaram o funcionamento das aulas, considero que a turma revelou um comportamento satisfatório.

1.2.2. AS TURMAS DO PROJETO ARTÍSTICO

No âmbito do projeto artístico do agrupamento, trabalhei com duas turmas de 7.º ano, uma em cada semestre, duas turmas de 5.º ano, e duas de 6.º ano, também divididas pelos dois semestres.

▪ 7.º ano

As aulas com as turmas do 7.º ano decorreram, semanalmente, à sexta-feira, entre as 10:10 e as 12:20. Cada turma foi dividida em dois grupos que tinham aula em simultâneo, mas em salas diferentes e com professores diferentes. O objetivo definido pelo grupo disciplinar de Educação Musical e pelo agrupamento passa por promover e desenvolver, nas turmas do 7.º ano, a prática de ukulele. A divisão da turma em dois grupos mais pequenos facilitou e tornou mais eficaz o trabalho.

▪ **7.º Ano - 1.º semestre**

A turma do primeiro semestre foi composta por 8 alunos: 5 do género masculino e 3 do género feminino. Esta turma ensaiou as canções “Menina estás à janela”, “Tia Anica de Loulé” e “Não se me dá que vindimem” com vista a apresentação no espetáculo “Janeir’Art”, realizado no dia 07/01/2024. Ukulele, guitarra, cajone, pandeireta foram os instrumentos utilizados. “Menina estás à janela” foi cantada por um aluno da turma. As restantes foram as peças de encerramento e contaram, também, com a participação do coro.

▪ **7.º Ano - 2.º semestre**

No segundo semestre, a turma mudou. Tinha 9 alunos, 7 do género masculino e 2 do género feminino. Tendo em vista o espetáculo intermédio, “Mai’Musical”, realizado a 13/05/2025, a turma preparou as peças “Não se me dá que vindimem” e “Cantiga da Burra”, ambas com voz e arranjo da minha autoria para instrumentos de percussão de altura indefinida (bombo, caixa, triângulo, tamborim, caixa chinesa). O ukulele, como previsto, também foi praticado e o trabalho foi apresentado no acompanhamento da peça “Não quero que vás à monda”.

▪ **5.º Ano**

O projeto artístico, para o 5.º ano, decorreu, semanalmente, à sexta-feira, das 14:50 às 16:40. Como referido anteriormente, a constituição das turmas era fruto da inscrição livre dos alunos. Desta forma, o grupo de cada semestre para o projeto artístico era uma mistura de alunos de diferentes turmas.

A turma do primeiro semestre preparou as seguintes peças:

- Espetáculo intermédio “Janeir’Art”:

- “Sol Mi Blues” (instrumentos *Orff*);
- “Sexta-feira” (instrumentos *Orff*).

- Espetáculo final “Era uma vez... um português de Portugal - Camões 500 anos”:

- “Greenslaves” (instrumentos *Orff*);

A turma do segundo semestre preparou:

- Espetáculo intermédio “Mai’Musical”:
 - “Rastafari” (instrumentos *Orff*, cajone, violino e bandolim);
 - “ABA Swing” (instrumentos *Orff*, cajone, violino e bandolim).

- Espetáculo final sobre a cidade:
 - “Fogo do Dragão” (instrumentos *Orff*, cajone, violino e bandolim);

▪ **6.º Ano**

Para a formação das turmas do 6.º ano, procedeu-se do mesmo modo que no 5.º ano. As aulas decorreram, semanalmente, à quinta-feira, das 14:50 às 16:40.

A turma do primeiro semestre preparou as seguintes peças:

- Espetáculo intermédio “Janeir’Art”:
 - “Punnagavarali” (instrumentos *Orff*);
 - “Love Yourself” (instrumentos *Orff*).

- Espetáculo final “Era uma vez... um português de Portugal - Camões 500 anos”:
 - Banda sonora para momento de Dança e Teatro (instrumentos *Orff*);

A turma do segundo semestre preparou:

- Espetáculo intermédio “Mai’Musical”:
 - “Os três Índios” (instrumentos *Orff*, cajone e guitarra);
 - “Believer” (instrumentos *Orff*, cajone e guitarra).

- Espetáculo final alusivo a cidade:
 - Banda sonora para momento de teatro (instrumentos *Orff*);
 - Grupo de bombos para momento de teatro.

1.3. OS ESPAÇOS E MATERIAIS DE APRENDIZAGEM

Da estrutura física da escola, as salas de Música merecem particular destaque. Existem duas salas, em anfiteatro e unidas pela arrecadação:



Figuras 1 e 2: Sala de Música

As salas dispõem de mesas, mas não de cadeiras; os alunos sentam-se nos patamares das bancadas. Esta opção disponibiliza mais espaço. A área entre as bancadas e a mesa do docente também favorece a dinâmica das aulas, nomeadamente em atividades que envolvam a prática de instrumentos musicais e outras dinâmicas. As laterais dispõem de corredores de escadas que unem a zona baixa das salas, onde está a porta, a mesa do professor e os quadros até à zona mais alta onde está a arrecadação. O acesso é feito através de uma porta em cada um dos corredores laterais. Quanto aos recursos, as salas e a arrecadação dispõem de:

- Pianos elétricos (3);
- Quadros brancos, de caneta (um deles pautado);
- Computador, tela e projetor;
- Aparelho reproduzidor de Música (ligado ao computador);
- Instrumentos de lâmina (Xilofones, Metalofones, jogo de sinos...);
- Outros instrumentos *Orff* / de sala de aula (pandeiretas, maracas, triângulo, reco-reco, clavas, bloco de dois sons...);
- Ukuleles eletroacústicos, cavaquinhos e palhetas;
- Guitarra Eletroacústica;
- 2 Cajones;
- Concertina e acordeão;
- Bombos, caixas, bongós, timbale.

A sala de aula pode não ser o único local de ensino/aprendizagem. Neste sentido, espaços como o auditório, os campos exteriores (preparados para disciplina de Educação Física) e as zonas de recreio (uma delas, ampla e com cobertura) são, também, dignos de registo. Destaque, ainda, para a existência de uma espaçosa sala de convívio para os alunos. Embora não sendo muito frequentada durante os intervalos, trata-se de um lugar com potencial para atividades que envolvam, nomeadamente, o movimento.

1.4. OS DOCUMENTOS ORIENTADORES DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Há documentos que são fundamentais para o professor na organização e gestão do processo de ensino/aprendizagem e para a própria relação com os alunos, encarregados de educação e órgãos escolares.

A nível geral, o documento PASEO é um referencial orientador para o processo de ensino/aprendizagem que se articula com documentos específicos da disciplina de Educação Musical, nomeadamente, as Aprendizagens Essenciais e o Programa de Educação Musical do 2.º ciclo do Ensino Básico, ainda que revogado.

Para a participação ativa, enquanto docente, numa escola, é fundamental conhecer o Projeto Educativo, Plano Anual de Atividades e o Regulamento Interno.

Grelhas de planificação de aulas, diários de bordo, tabelas de presença, faltas de material e trabalhos de casa, critérios gerais e específicos de avaliação e grelhas de avaliação são os documentos de utilização diária.

Realço, ao longo da intervenção pedagógica, a relação intrínseca as planificações de aula e as Aprendizagens Essenciais, em articulação com o PASEO.

CAPÍTULO III
DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

1. A BASE DO PUZZLE

1.1. ONDE TUDO COMEÇA

Ao longo da frequência das unidades curriculares do Mestrado, ouvi, com alguma regularidade, que a Educação Musical precisa de professores criativos. Desconhecendo, no momento, o contexto de intervenção, já ambicionava realizar algo de novo para as turmas que me fossem atribuídas, não no sentido de ser o pioneiro, mas de promover a novidade e a surpresa, algo que fosse além do habitual.

A fase de observação e cooperação teve um importante papel, funcionando como uma alavanca deste projeto pessoal. No decorrer deste período, usando os domínios das Aprendizagens Essenciais como ponto de partida, verifiquei que o domínio “Experimentação e Criação” não era tão trabalhado como os restantes, “Interpretação e Comunicação” e “Apropriação e Reflexão”.

A partir deste diagnóstico, rapidamente, junto da professora cooperante e professor supervisor, assumi o meu desejo de promover um projeto de Prática de Ensino Supervisionada que abrangesse a “Experimentação e Criação”. Depois de várias possibilidades idealizadas, uma análise mais profunda, em articulação com os professores, levou-me a optar por desenvolver um trabalho de experimentação e criação envolvendo partituras gráficas, isto é, partituras com notação musical não convencional. Consciente da pouca experiência musical da turma do 5.º ano que, até então, desconhecia os conceitos de partitura gráfica e notação não convencional, acreditei que permitiria concretizar o objetivo previamente estabelecido: trazer uma novidade para a aula de Educação Musical.

O título *E se a Música fosse um puzzle?* partiu de uma metáfora a que recorri para explicar aos alunos como se podia pensar o processo de criação/composição musical. Partindo do conhecimento que a turma já tinha adquirido e que ainda iria adquirir acerca das estruturas formais da Música, referindo-me, por exemplo, à introdução, parte A, parte B, interlúdio..., estabeleci a analogia entre cada secção da Música com a peça de um puzzle que, quando montadas, tal como um puzzle, resulta num produto final. Esta feliz comparação acabou por articular as “peças” deste projeto, tornando-se o tema do mesmo.

1.2. ENQUADRAMENTO

Compreendo o domínio “Experimentação e Criação” como um todo que se pode dividir em duas etapas: a experimentação está na origem da criação. Na Música, à experimentação, facilmente associamos a improvisação.

Relativamente à improvisação, Azzara e Grunow (2006) afirmam que todos somos improvisadores, sendo até uma condição e uma característica que nasce conosco. Para os autores, a improvisação é a expressão espontânea de ideias musicais significativas e, nesse sentido, comparam-na ao modo como se procede uma conversa. Considero que uma das suas principais reflexões é a de que a Educação Musical “formal” não encoraja os alunos a improvisar. Quando, esporadicamente, lhes é proposto, acaba por lhes provocar uma sensação de desconforto e insegurança.

Improvisation in music is the spontaneous expression of meaningful musical ideas—it is analogous to conversation in language. (...) Interestingly, we are born improvisers, as evidenced by our behavior in early childhood. This state of mind is clearly demonstrated in children’s play. When not encouraged to improvise as a part of our formal music education, the very thought of improvisation invokes fear. If we let go of that fear, we find that we are improvisers. Improvisation enables musicians to express themselves from an internal source and is central to developing musicianship in all aspects of music. (Azzara e Grunow, 2006, p. 3).

Também Higgins e Mantie (2013) referem que a improvisação continua com pouco palco na Educação Musical o que, para eles, é uma falha no currículo. Os autores apelam ao cultivo do hábito de improvisar, não para ser, exclusivamente, um estímulo dentro do contexto da disciplina, mas para potenciar a criatividade ao longo da vida:

(...) we would argue that it is not develop skills to produce a “good” sounding response to a prompt in the narrow context of the music classroom and the teachers’ learning objectives, but rather, “to enable students to be lifelong creative improvisers and to give them a sense of freedom when doing so”. (Higgins & Mantie, 2013, p. 42).

A improvisação tem, sem dúvida, valor próprio e a análise dos autores referidos deixa-o em evidência. No entanto, podemos assumir a improvisação como uma etapa de partida que terá como finalidade a composição musical.

Nesta vertente, Willems (1970), pedagogo de referência da Educação Musical, sempre defendeu a inclusão da improvisação e composição na formação musical das crianças. Pensando em objetivos apenas musicais, para o autor, a aposta em práticas de improvisação e composição, fruto de trabalho sensorial favorecem a aquisição de competências rítmicas, melódicas e harmônicas.

É do entendimento comum que os objetivos da Educação Musical ultrapassam a aquisição de conhecimentos e experiências na área. A partir da articulação entre as Aprendizagens Essenciais e o PASEO compreende-se que a Educação Musical deve, também, preocupar-se com as competências sociais. Nesta perspectiva, Machado (2019) desenvolveu um trabalho no qual reflete que as práticas de composição podem favorecer a construção da identidade, fundadas em ideias de autoria e no estabelecimento de relações interpessoais no seio de uma “comunidade de prática”, entenda-se a turma de Educação Musical.

Acerca das relações interpessoais, Machado (2019, p.212) traz o pensamento de Wenger: “As atividades de composição (...) favorecem a construção de uma comunidade de prática, caracterizada por: relações interpessoais em engajamento mútuo, compartilhamento de conhecimentos e negociação de empreendimentos (Wenger, 2008, p.85)”. A eficácia das práticas de composição na comunidade de prática, para a autora, vai originar a construção de uma identidade fundamentada em ideias de autoria. De facto, para qualquer pessoa e, sobretudo, para as crianças, tornar-se-á apelativo criar um produto musical e tomar consciência de que são autoras do mesmo.

Relativamente ao processo de composição, Kratus (1994, citado por Beineke, 2008) defende que não há, propriamente, uma forma de ensinar, abrindo possibilidade a diversos caminhos. O autor, ainda assim, divide o processo de composição em três etapas, não havendo, necessariamente, uma ordem: “exploração (busca por novas ideias), desenvolvimento (revisão de ideias) e repetição (reiteração das ideias musicais)” (p.19).

Improvisação e composição podem estar separadas pelo registo. Os alunos experimentam e improvisam. Ao registarem as suas improvisações, iniciam o processo de composição. Desta forma, procurando que *E se a Música fosse um puzzle?* oferecesse uma experiência de composição, tornou-se pertinente refletir sobre a forma como os alunos registariam as suas obras. É, pois, neste contexto, que surge a partitura gráfica e a notação não convencional.

A partitura gráfica, comparada com a partitura convencional, oferece várias oportunidades de leitura. No caso particular da turma de 5.º ano com que trabalhei, penso que

a criatividade que os alunos manifestavam não era proporcional ao, ainda, pouco conhecimento adquirido relativamente à notação convencional. Assim, optar por esta notação poderia estancar a criatividade dos alunos e limitar o desenvolvimento do projeto. Esta decisão reflete a posição de Glover e Scaife (2004). Para os autores, é evidente que uma composição musical pode ser registada de variadas formas e tipos de notação. Para Glover e Scaife (2004, p.93), o registo é um “mapa mental para o compositor” com instruções técnicas para os intérpretes. Para os autores, a partitura gráfica, fornecendo uma base para discussão sobre como os elementos auditivos e visuais interagem, pode ser uma boa estratégia de introduzir conceitos musicais. Comungo do pensamento de Glover e Scaife (2004) que alertam para o risco da diminuição da criatividade nas práticas de composição, no caso de ser dada demasiada ênfase à notação musical convencional, já que a capacidade das crianças para improvisar e compor Música ultrapassa as suas competências de escrita.

1.3. OBJETIVOS

Foram definidos, para este projeto, os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Implementar práticas de improvisação e composição musical na aula de Educação Musical, equilibrando os domínios consagrados nas Aprendizagens Essenciais: “Experimentação e Criação”, “Interpretação e Comunicação” e “Apropriação e Reflexão”.

Objetivos específicos:

- **O1:** Promover experiências de aprendizagem inovadoras, introduzindo novas atividades e práticas que rompam com a rotina habitual da aula de Educação Musical, estimulando a curiosidade, a criatividade e o envolvimento ativo no processo de ensino/aprendizagem;
- **O2:** Estimular a criação e consciencialização de ideias de autoria, contribuindo para o desenvolvimento da identidade;

- **O3:** Tornar a turma de Educação Musical numa “comunidade de prática”, potenciando o desenvolvimento das relações interpessoais (Machado, 2019);
- **O4:** Concretizar o projeto num produto final, priorizando, contudo, o processo de trabalho em sala de aula (em consonância com o Programa de Educação Musical do 2.º Ciclo do Ensino Básico).

1.4. ESTRATÉGIAS

As estratégias são meios para atingir os objetivos e serviram de base para a construção do projeto de intervenção pedagógica, assim como para a planificação das aulas. Neste sentido, elenca-se as correspondências entre as estratégias e os objetivos específicos, salvaguardando-se o facto de existirem estratégias comuns a mais que um objetivo.

O1: Promover experiências de aprendizagem inovadoras, introduzindo novas atividades e práticas que rompam com a rotina habitual da aula de Educação Musical, estimulando a curiosidade, a criatividade e o envolvimento ativo no processo de ensino/aprendizagem:

- **E1:** Utilização do recurso *Play Composer* no âmbito da Aula Digital;
- **E2:** Utilização dos instrumentos *Orff*;
- **E3:** Interpretação de canções com acompanhamento à guitarra;
- **E4:** Introdução da partitura gráfica e notação não convencional.

O2: Estimular a criação e consciencialização de ideias de autoria, contribuindo para o desenvolvimento da identidade:

- **E1:** Utilização do recurso *Play Composer* no âmbito da Aula Digital;
- **E5:** Constituição de pequenos grupos de criação musical, de forma a que cada aluno possa contribuir com as suas ideias;
- **E6:** Realização de atividades de improvisação e criação orientada e/ou livre com instrumentos *Orff*, voz ou outros objetos sonoros;
- **E7:** Valorização do papel de cada aluno durante o processo de criação;

- **E8:** Registo das composições originais de cada grupo em partitura gráfica e/ou gravação áudio;
- **E9:** Promoção de momentos de reflexão com partilha e debate de ideias acerca do processo de criação.

O3: Tornar a turma de Educação Musical numa “comunidade de prática”, potenciando o desenvolvimento das relações interpessoais (Machado, 2019):

- **E6:** Realização de atividades de improvisação e criação orientada e/ou livre com instrumentos *Orff*, voz ou outros objetos sonoros;
- **E10:** Relação positiva e dinâmica entre professor e alunos;
- **E11:** Realização do projeto de criação em grupos;
- **E12:** Valorização do produto final, resultado do trabalho coletivo;
- **E13:** Garantia de que todos os alunos participam no processo de criação;
- **E14:** Promoção de momentos de reflexão com partilha e debate de ideias acerca do processo de criação.

O4: Concretizar o projeto num produto final, priorizando, contudo, o processo de trabalho em sala de aula (em consonância com o Programa de Educação Musical do 2.º Ciclo do Ensino Básico):

- **E6:** Realização de atividades de improvisação orientada e livre com instrumentos *Orff*, voz ou outros objetos sonoros;
- **E8:** Registo das composições originais de cada grupo em partitura gráfica e/ou gravação áudio;
- **E15:** Acompanhamento individual e em grupo do processo de criação;
- **E16:** Exposição do produto final no átrio da escola.

2. A CONSTRUÇÃO DO PUZZLE

2.1. EXPERIÊNCIAS PREPARATÓRIAS

Ao longo do ano letivo, o projeto de intervenção pedagógica foi sofrendo ajustes e adaptações. A versão final, que dá título a este relatório, *E se a Música fosse um puzzle?*, surge no início do 3.º período. No entanto, foi sempre clara a minha intenção de trabalhar a improvisação e a composição musical (Experimentação e Criação). Assim, apresento algumas atividades que realizei e que as considero “preparatórias” para o processo de criação.

Para além da descrição de cada experiência preparatória, apresentarei um quadro sinótico demonstrativo da sua relação com os objetivos e estratégias e a respetiva avaliação.

A avaliação, explanada no ponto 3, *Avaliação Geral do Projeto*, resulta de uma abordagem qualitativa ao cumprimento dos objetivos e eficácia das estratégias definidas, bem como da análise à qualidade geral de cada experiência. Será atribuída uma das seguintes classificações: *Pouco Conseguida, Parcialmente Conseguida, Bem Conseguida e Muito Bem Conseguida*.

EXPERIÊNCIA PREPARATÓRIA 1

PLAY COMPOSER (AULA DIGITAL)

19/11/2024 e 21/11/2024 - Planificações 1 e 1.1 (anexos 1 e 2)

O início da minha intervenção pedagógica com a turma do 5.º ano coincidiu com a semana de “Aula digital” definida e agendada pela escola. Alertado para essa circunstância, procurei planificar uma aula que, nesse contexto, incluisse o domínio da “Experimentação e Criação”.

O *Play Composer* é um recurso digital da Porto Editora que possibilita a realização de experiências de composição musical. Trata-se de uma grelha dividida em duas áreas principais: o fundo do ecrã destina-se à criação de padrões com instrumentos de altura indefinida; os padrões para instrumentos de altura definida ocupam a parte superior da grelha. Na prática, os alunos, através de um clique, conseguem selecionar e ativar um determinado som, seja de altura definida ou de altura indefinida. O programa, para além da seleção do andamento, permite a possibilidade de escolher entre alguns timbres, contudo, apenas dois em simultâneo (um de altura definida e outro de altura indefinida).

Considero o *Play Composer* um ótimo recurso, porque permite que os alunos, sem grandes competências prévias, possam experimentar e criar Música.

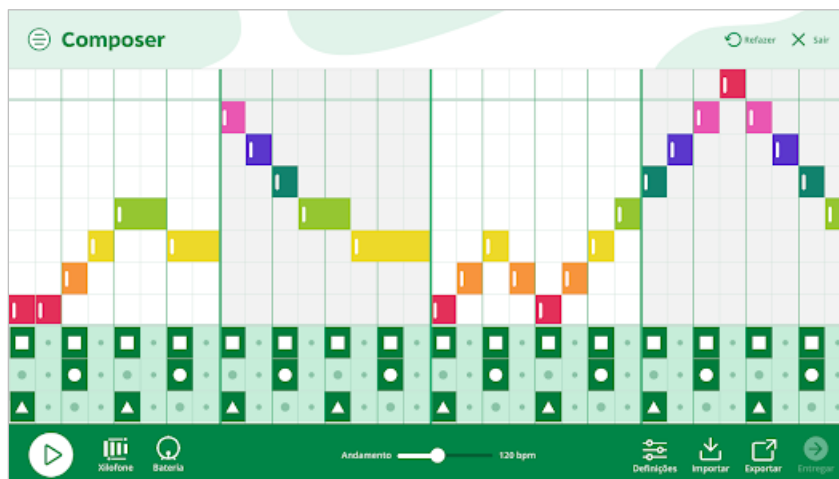


Figura 3: *Play Composer*

Relativamente a esta experiência com a turma do 5.º ano, as elevadas expectativas não foram correspondidas, sobretudo devido a todas as condicionantes logísticas que se verificaram: nem todos os alunos tinham computador; a internet era fraca (o que dificultou a instalação do programa); o acesso à *Escola Virtual* carecia de confirmação de dados. Para ultrapassar estes constrangimentos, dediquei mais uma aula a este trabalho e solicitei aos alunos que procedessem à instalação do programa em casa. Apesar deste pedido, na aula seguinte, apenas alguns alunos tinham cumprido a referida tarefa, tendo o programa instalado.

Assim, apesar de terem sido realizadas experiências interessantes por alguns alunos, a aula acabou por não ser tão produtiva como se desejava.

Quadro Sinótico 1

Relação objetivos, estratégias e avaliação

Objetivos	Estratégias	Avaliação
O1	E1	Bem Conseguida
O2	E1	Parcialmente Conseguida

Avaliação geral: Parcialmente Conseguida

EXPERIÊNCIA PREPARATÓRIA 2

CRIAÇÃO DE ARRANJO INSTRUMENTAL *ORFF*

28/11/2024 - Planificação 3 (anexo 3)

Dada a proximidade da pausa letiva do 1.º período, foi-me solicitado pela professora cooperante que planificasse o ensino/aprendizagem das canções de Natal sugeridas no manual. Na aula anterior, tínhamos cantado “Adivinha o que eu pedi”, de Tito Santos. De forma a conjugar os conteúdos programáticos previstos para a semana em curso, a família dos instrumentos, com a minha intenção de trabalhar a experimentação e criação musical, promovi a criação de um arranjo para a canção de Natal aprendida (e que os alunos gostaram muito!) com instrumentos *Orff*. Nesta experiência, uma vez que estava, ainda, na fase inicial da minha intervenção pedagógica, liderei o processo de criação e os alunos reproduziram as minhas ideias. Contudo, a finalidade desta experiência foi mostrar à turma que podíamos criar Música no momento, isto é, a Música não depende da interpretação, exclusivamente, de uma partitura.

Noutra perspetiva, foi uma oportunidade para os alunos tocarem instrumentos *Orff* que, como explicado no capítulo anterior, devido à sua utilização no projeto artístico, não são um recurso tão regular na aula de Educação Musical.

Considero que esta atividade correu muito bem.

Quadro Sinótico 2

Relação objetivos, estratégias e avaliação

Objetivos	Estratégias	Avaliação
O1	E2, E3	Muito Bem Conseguida
O3	E6, E10, E14	Muito Bem Conseguida

Avaliação geral: Muito Bem Conseguida

EXPERIÊNCIA PREPARATÓRIA 3

CRIAÇÃO E APRESENTAÇÃO DE PADRÃO RÍTMICO

28/01/2025 e 30/01/2025 - Planificações 12 e 13 (anexos 4 e 5)

Esta atividade tem semelhanças com a anterior, mas com algumas novidades. A peça da semana era a “Believer”, dos Imagine Dragons. Para além do ensino/aprendizagem da peça na flauta de bisel, proporcionei uma nova experiência com instrumentos *Orff*. Tal como na

atividade anterior, improvisei padrões rítmicos e a turma reproduziu. A novidade foi desafiar os alunos a criarem, até à aula seguinte, o seu padrão rítmico. Nem todos os alunos prepararam a atividade. Acabei por organizar a experiência da seguinte forma: uma primeira parte protagonizada pelos alunos que fizeram o trabalho em casa, o que se tornou num exercício de composição; uma segunda parte, para os alunos que, não tendo realizado a tarefa, tiveram oportunidade para improvisar no momento. Os resultados foram surpreendentes!

Quadro Sinótico 3

Relação objetivos, estratégias e avaliação

Objetivos	Estratégias	Avaliação
O1	E2	Muito Bem Conseguida
O2	E6, E9	Muito Bem Conseguida
O3	E6, E10, E13, E14	Muito Bem Conseguida

Avaliação geral: Muito Bem Conseguida

EXPERIÊNCIA PREPARATÓRIA 4


IMPROVISAR COM A ESCALA PENTATÓNICA

27/02/2025 e 6/03/2025 - Planificações 21 e 22 (anexos 6 e 7)

O manual, no âmbito do domínio “Experimentação e Criação”, propõe uma atividade de improvisação com a escala pentatónica de *dó*. O exercício deve ser realizado com instrumentos de lâmina e está dividido em cinco etapas. As notas da escala pentatónica, independentemente do momento em que forem tocadas, vão soar bem. Desta forma, é um exercício simples que permite direcionar a intenção para a própria improvisação. Pareceu-me, portanto, uma atividade interessante e pertinente relativamente ao meu projeto. Neste sentido, dediquei duas aulas para a concretizar. Ao contrário das experiências, desta vez, não houve um momento prévio de reprodução, até porque nem seria prático, uma vez que a atividade se desenvolve com instrumentos de lâmina. Penso que foi uma boa opção. A turma gostou e, em alguns alunos, verifiquei progressos relativamente ao nível de conforto com que improvisam.

Experimentação e Criação Interpretação e Comunicação Apropriação e Reflexão

Se ordenarmos, de forma ascendente, as notas que tocaste na flauta no tema anterior, obtemos a seguinte sequência:



Estas cinco notas diferentes assim ordenadas têm o nome de **escala pentatónica**.

Esta escala é especial! Está presente em praticamente todos os costumes e culturas musicais e permite-nos criar melodias de forma espontânea. É por isso que é uma das preferidas dos músicos que improvisam. Vamos experimentar?

- 1 Retirar dos xilofones e dos jogos de sinos (os instrumentos com que vamos improvisar) as lâminas das notas **Fá** e **Si** pois não fazem parte da escala pentatónica que vamos usar.
- 2 Escutar o instrumental sobre o qual vamos improvisar, para nos ambientarmos ao contexto musical.
- 3 Agora, começa a ação! Mas... Vamos com calma. Escolhe uma nota da escala pentatónica. É com essa que vais iniciar o teu improviso.
- 4 De seguida, improvisa com duas notas e, depois, com três.
- 5 Ação total! Improvisa com as notas que a tua inspiração desejar.

Podes inspirar-te no vídeo que preparámos para ti.

REC

Escala pentatónica: Sequência ordenada de cinco notas musicais.

Improvisação: Criação de música em tempo real sem haver um registo escrito. A improvisação pode ser uma melodia ou apenas uma sequência de ritmos.

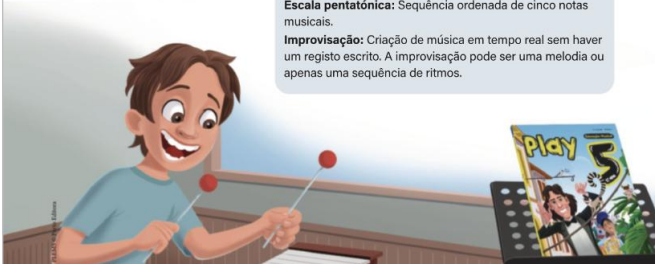


Figura 4: Enunciado do exercício de improvisação (retirado do manual *Play 5*, da Porto Editora).

Quadro Sinótico 4

Relação objetivos, estratégias e avaliação

Objetivos	Estratégias	Avaliação
O1	E2	Muito Bem Conseguida
O2	E6, E9	Muito Bem Conseguida
O3	E6, E13, E14	Muito Bem Conseguida

Avaliação geral: Muito Bem Conseguida

EXPERIÊNCIA PREPARATÓRIA 5

CRIAÇÃO DE PARTITURA GRÁFICA PARA O TEMA “PARA TI, MARIA”

28/04/2025 - Planificação 32 (anexo 8)

Esta foi a última experiência preparatória que concretizei antes da realização do projeto final. A intenção era criar um arranjo rítmico para percussão corporal e registá-lo em partitura gráfica. Realizámos esta atividade com a peça do manual indicada para essa semana: “Para ti, Maria”, dos Xutos e Pontapés. Tornou-se uma atividade importante, porque proporcionou aos alunos, para além de mais uma experiência de criação musical, uma primeira oportunidade de criar uma partitura gráfica. O processo de criação, quer do arranjo, quer da partitura gráfica, correu muito bem, levando-me a crer que a turma estava preparada para a realização do projeto. Contudo, não restando muito tempo, a interpretação final da partitura e do arranjo não corresponderam às expectativas geradas no processo de criação.

Quadro Sinótico 5

Relação objetivos, estratégias e avaliação

Objetivos	Estratégias	Avaliação
O1	E4	Muito Bem Conseguida
O2	E6, E7, E8, E9	Bem Conseguida
O3	E6, E10, E12, E13, E14	Bem Conseguida

Avaliação geral: Bem Conseguida

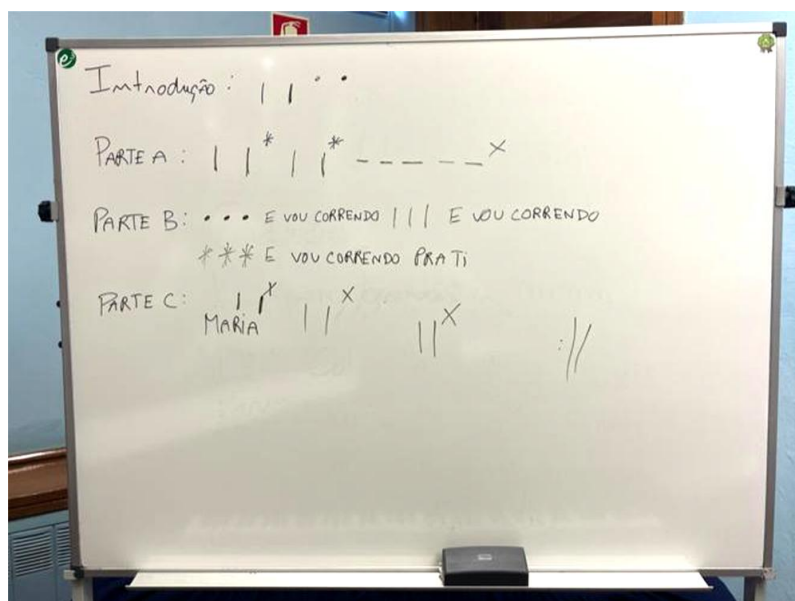


Figura 5: Partitura gráfica do tema "Para ti, Maria".

2.2. PROJETO FINAL

2.2.1. CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO

De acordo com a definição dos objetivos e estratégias, foram organizados 5 grupos de trabalho, cada um com 4 alunos (identificados com um código de letras). A cada aluno, foi dada a oportunidade de escolher um instrumento, podendo ser um instrumento pessoal, um instrumento da sala de aula ou um outro objeto sonoro. A listagem seguinte apresenta a constituição dos grupos e a correspondência com os instrumentos escolhidos:

Grupo 1: A, AC, M, SL

Instrumentos: bandolim, percussão corporal, reco-reco, metalofone soprano;

Grupo 2: B, G, MG, S

Instrumentos: caixa, percussão corporal, clarinete, timbale, metalofone baixo;

Grupo 3: L, MR, MT, SA

Instrumentos: piano (teclado da sala), pandeireta, xilofone baixo e tamborim;

Grupo 4: F, R, RD, RF

Instrumentos: bongós, caixa chinesa, metalofone contralto, metalofone soprano;

Grupo 5: D, GL, TA, TS,

Instrumentos: flauta de bisel, bombo, caixa e pandeireta.

2.2.2. CALENDARIZAÇÃO

Em articulação com os professores supervisor e cooperante, decidi dividir o projeto em duas fases: Primeira Fase - interpretação de uma partitura gráfica; Segunda Fase - composição musical e registo em partitura gráfica.

Como referido anteriormente, o projeto final foi colocado em prática no 3.º período, entre os dias 22/04/2025 e 22/05/2025.

Em virtude de haver ainda unidades didáticas do manual para abordar, o projeto não pôde ser desenvolvido em todas aulas e de forma ininterrupta. Apresento, de seguida, as datas essenciais:

- **22/04/2025 a 8/05/2025:**
 - Apresentação do projeto, formação e organização dos grupos de trabalho;
- **15/05/2025 a 20/05/2025:**
 - Primeira fase - realização, apresentação e análise do trabalho;
- **22/05/2025:**
 - Segunda fase - realização, apresentação e análise do trabalho.

2.2.3. PRIMEIRA FASE - INTERPRETAÇÃO DE UMA PARTITURA GRÁFICA

O projeto final foi dividido em duas etapas. Nesta primeira fase, selecionei uma partitura gráfica e desafiei os grupos de trabalho a interpretá-la. Foi entregue a mesma partitura gráfica a todos os grupos, perspetivando diferentes interpretações e resultados da mesma partitura.

A obra *Treatise*, de Cornelius Cardew, foi o referencial estético e artístico. Esta obra, que desconhecia, foi-me apresentada pelo professor supervisor. A seleção da partitura gráfica foi da minha responsabilidade. Após análise da obra, a minha opção foi a seguinte:

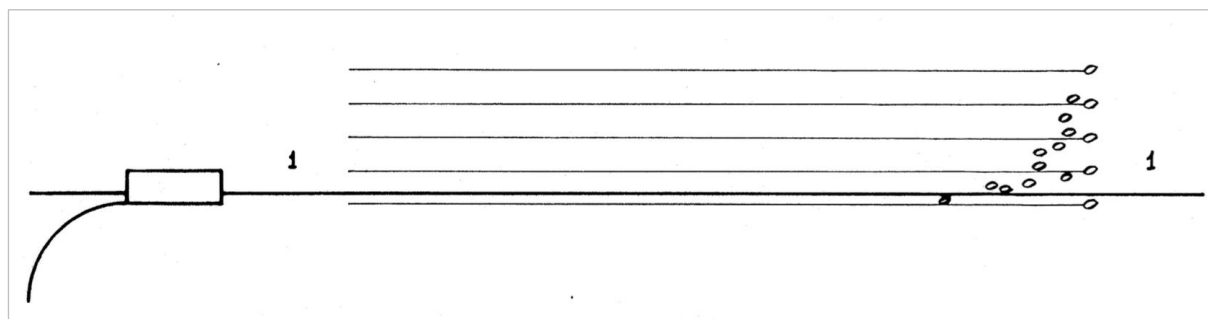


Figura 6: Partitura gráfica utilizada na primeira fase do projeto final (retirada da obra *Treatise*, de Cornelius Cardew. p.15).

A opção por esta partitura deve-se à importância de definir uma estrutura comum sem influenciar o trabalho dos grupos. Nesta lógica, analisando a partitura, antevi que os alunos poderiam criar a sua interpretação assente em três momentos.

Esta atividade motivou a turma. Inicialmente, notei que a explicação do que pretendia não tinha sido clara para todos os alunos. Estive disponível para orientá-los nas suas dificuldades e responder às suas questões. Gradualmente, as dúvidas foram esclarecidas e, até à tomada de decisões finais, as experiências começaram a soar.

A qualidade do processo de criação traduziu-se no resultado das interpretações que estão disponíveis para audição através da ligação / Código QR (*scan* ou clique na figura).



Figura 7: Código QR de acesso às gravações da primeira fase.

No final de cada apresentação, e porque é importante que os alunos reflitam sobre o próprio trabalho, questionei os grupos acerca das suas decisões ao longo do processo de criação. As suas respostas estão inseridas nos apontamentos que registei sobre cada grupo na reflexão sobre esta aula:

Apontamentos sobre cada grupo baseados na reflexão de aula n.º 36 (anexo 9)

Grupo 1: A, AC, M, SL

Destacam-se as notas do acorde de *dó* maior interpretadas pelo metalofone e bandolim, tendo resposta do reco-reco. Na origem do processo, estão as linhas da partitura que representaram a criação de um padrão musical que culminou numa secção final e diferente, obedecendo, também ao desenho da partitura. No caso, coube ao metalofone encerrar com a escala de *dó* maior (ascendente).

Grupo 2: B, G, MG, S

Resultado muito interessante, fazendo lembrar a sonoridade dodecafónica e atonal do século XX. Na génese desta criação, esteve a intenção de ter o clarinete a protagonizar a obra com notas dispersas. O metalofone e a percussão de altura indefinida entram mais tarde, trazendo movimento e contexto rítmico. O clarinete permanece vivo e, de certa forma, atrevido.

Grupo 3: L, MR, MT, SA

Este grupo quis aproveitar o facto de incorporar uma aluna que está a aprender piano. O teclado acaba por ser o protagonista desta criação. Foi interessante perceber a intenção clara de ter o xilofone a reforçar a melodia em partes muito específicas. A percussão aparece, apenas, no início da interpretação, dando-lhe destaque. Embora tenha repetido e terminado de forma diferente, o grupo explicou que o desenho da partitura esteve na origem do *glissando* que encerra a criação (antes da repetição).

Grupo 4: F, R, RD, RF

É, porventura, a criação em que se consegue distinguir mais facilmente o princípio, meio e fim da obra. Identifica-se a abertura pelos metalofones e, depois, o surgimento do padrão rítmico, protagonizado pelos bongós e pandeiretas, que pauta o desenvolvimento da peça de forma clara. O ponto de partida para este grupo foi, precisamente, a criação deste padrão rítmico. O final é, igualmente, repleto de intenção.

Grupo 5: D, GL, TA, TS

Um grupo de percussão. Percebeu-se a intenção deste grupo de apresentar uma obra com as características de uma fanfarra interpretando uma marcha. A caixa é o instrumento principal, com resposta do bombo. De destacar, para além disso, a introdução da flauta de bisel. De lamentar, contudo, o facto do aluno TS não ter trazido a concertina, como o próprio tinha sugerido, tendo-a substituído por uma pandeireta. Seria bastante enriquecedor.

Quadro Sinótico 6

Relação objetivos, estratégias e avaliação

Objetivos	Estratégias	Avaliação
O1	E2, E4	Muito Bem Conseguida
O2	E2, E6, E7, E8, E9	Muito Bem Conseguida
O3	E6, E10, E12, E13, E14	Muito Bem Conseguida
O4	E6, E8, E15	Muito Bem Conseguida

Avaliação geral: Muito Bem Conseguida

2.2.4. SEGUNDA FASE

- COMPOSIÇÃO E REGISTO EM PARTITURA GRÁFICA

O título que propus para este relatório, *E se a Música fosse um puzzle?*, é a tradução do processo de criação musical da segunda e derradeira fase do projeto final.

Se, na primeira fase, os grupos partiram de uma partitura gráfica para criarem as suas interpretações, desta vez, pretendia que a partitura fosse o resultado de composições originais.

Anteriormente, no enquadramento, justifiquei a ideia de não haver uma “forma” de se ensinar a criar Música; existem, sim, vários processos que, praticados com regularidade, possibilitam o alcançar de competências de criação. Esta segunda fase apresenta-se, pois, como mais uma possibilidade de processo de criação musical.

E se a Música fosse um puzzle? prevê a criação de composições originais a partir da criação e registo das “peças do puzzle”. As peças do puzzle, neste caso, são pedaços de papel coloridos: um amarelo, um cor de laranja, um azul e um cor-de-rosa. A cada peça do puzzle, isto é, a cada papel, corresponde um gesto, uma ideia ou até uma secção musical. Após pensarem e criarem o gesto, ideia ou secção para cada peça, os grupos são desafiados a efetuar o registo gráfico no respetivo papel.

Concretizando a ideia, entreguei a cada grupo quatro pedaços de papel, de quatro cores diferentes, o que possibilitava, no máximo, a criação de quatro ideias ou secções distintas. A decisão de usar os quatro papéis, ou não, ficou ao critério de cada grupo. Por outro lado, foi possível a repetição de ideias ou secções. Nesta eventualidade, a única condição era a utilização do papel com a mesma cor da ideia ou secção que pretendiam repetir. Depois de concebidas e registadas todas as ideias, a composição musical nasceu da

“montagem das peças do puzzle”. Ainda que pudesse haver tolerância, sugeri aos grupos que as criações fossem pensadas para cerca de 1 minuto.

Por estarmos em final de período, fruto da realização dos espetáculos do projeto artístico do agrupamento e, ainda, com uma ficha de avaliação para efetuar, apenas foi possível dedicar uma aula, no dia 22 de maio, à concretização da segunda fase e conclusão do projeto final. Com duração de uma hora, a aula foi dividida em duas partes: 40 minutos para a criação da obra e registo em partitura gráfica; 20 minutos para apresentação. A gestão do tempo acabou por se tornar um constrangimento para todos os grupos. Tanto o processo de criação como as performances foram realizados em contrarrelógio. Ainda assim, todos os grupos mostraram resultados.

Desvendo, neste ponto, as obras e as peças dos respetivos puzzles (partituras gráficas) que os grupos criaram. Relativamente às partituras, exponho, primeiro, as “peças” originais desenhadas pelos alunos e ordenadas, de acordo com a montagem das composições musicais. As partituras finais foram digitalizadas e editadas por mim. Durante o trabalho de edição, tomei a liberdade de efetuar algumas alterações na notação e/ou na organização da peça original. Tomei esta opção não só para potenciar a qualidade estética dos puzzles mas também por verificar algumas incoerências entre a notação gráfica dos alunos e as performances. As alterações resultantes das imprecisões verificadas estão assinaladas a preto. A notação dos alunos mantém a lógica das cores dos pedaços de papel distribuídos. Para melhor leitura das partituras, adicionei uma ilustração dos instrumentos utilizados em cada peça por cada grupo.

As partituras dispõem, também, de um Código QR que permite o acesso às gravações áudio das obras (*scan* ou clique na figura). Os puzzles, produto final do projeto, serão afixados no átrio da escola. Assim, o trabalho da turma do 5.º ano com a qual desenvolvi este projeto estará disponível e acessível a toda a comunidade escolar.

Tal como efetuei na análise da primeira fase, recorro aos apontamentos da reflexão da aula 37 para apresentar algumas considerações relativas à composição musical e partitura gráfica de cada grupo.

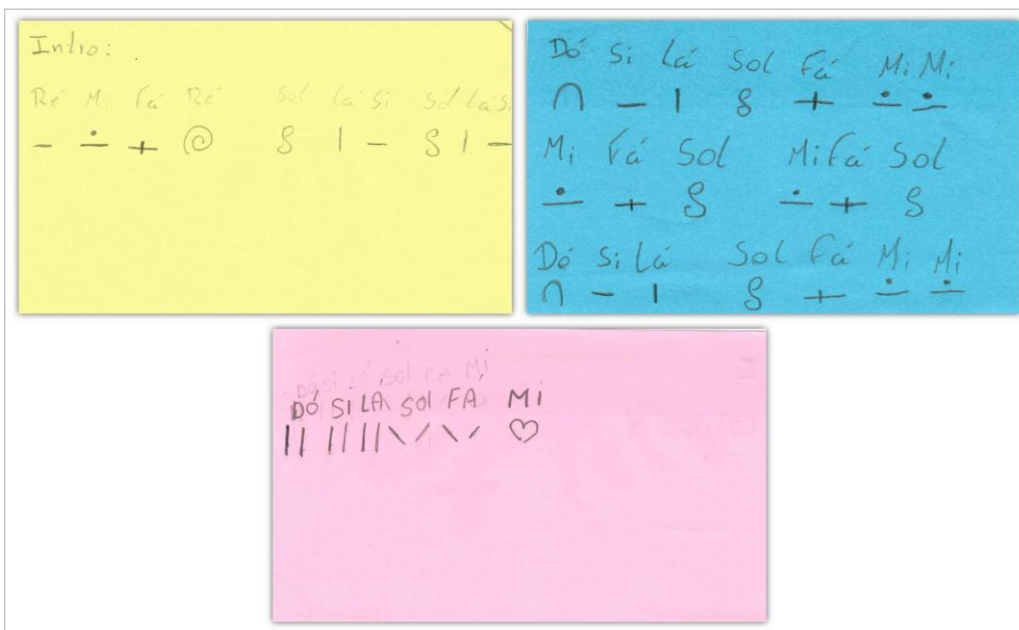






Figura 8: Peças do Grupo 1 (notação gráfica original).



E SE A MÚSICA FOSSE UM PUZZLE?
(A, AC, M, SL) - METALOFONE SOPRANO E XILOFONE SOPRANO





INTRODUÇÃO: 

RÉ MI FÁ RÉ SOL LÁ SI SOL LÁ SI
 — ◦ + @ § | — § | — : ||


 DÓ SI LÁ SOL FÁ MI MI : ||
 
 MI FÁ SOL MI FÁ SOL : ||


 DÓ SI LÁ SOL FÁ MI MI : ||
 
 MI FÁ SOL MI FÁ SOL : ||


 DÓ SI LÁ SOL FÁ MI : ||
 
 MI FÁ SOL ◦ + §
 — + § ↙ ↘
 RÉ DÓ DÓ
 ∩ ∩ ∩




Figura 9: Puzzle do Grupo 1.

Grupo 1: A, AC, M, SL

Porventura, o grupo que mais sofreu com as condicionantes acima referidas. No entanto, conseguiram apresentar uma melodia em metalofone, com resposta do xilofone (entretanto adicionado). O grupo sofreu com a ausência do aluno M que tocava bandolim que, sem desvalorizar os restantes membros, impulsionou o grupo para o sucesso na atividade anterior. O aluno SL interveio no processo de criação, mas, devido a uma indisposição, acabou por não participar na performance. Assim, a apresentação da composição deste grupo foi realizada, apenas, pelos alunos A e AC, tocando metalofone e xilofone, respetivamente. Uma nota curiosa... o soar da campainha, no final da performance, assinalou o fim da aula, conferindo à apresentação um efeito singular.

Relativamente ao puzzle, este grupo optou por definir um símbolo para cada nota. Comparando a notação das peças com a performance, há duas nuances a registar: a mudança de símbolos na conclusão da obra (papel cor-de-rosa) e a não coincidência entre o final da performance e o final da partitura (há mais Música do que registo gráfico).

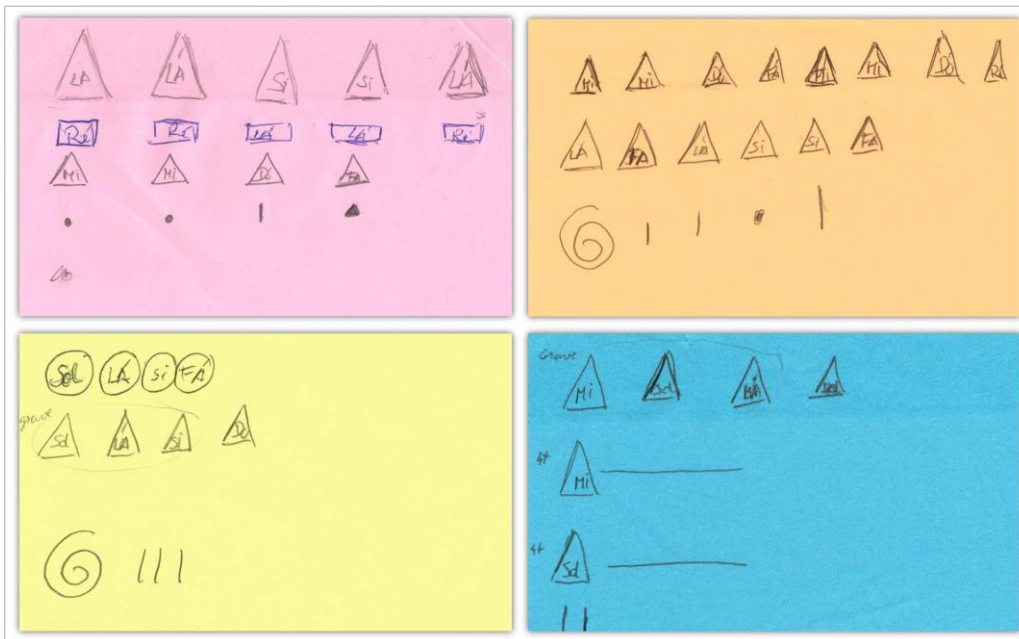


Figura 10: Peças do Grupo 2 (notação gráfica original).

E SE A MÚSICA FOSSE UM PUZZLE?
(B, G, MG, S) - CLARINETE, METALOFONE, CAIXA E TIMBALE

The puzzle diagram consists of several rows of musical notation. The first row has notes LÁ, LÁ, SI, SI, LÁ in red triangles. The second row has notes RÉ, RÉ, LÁ, LÁ, RÉ in red rectangles. The third row has notes MI, MI, DÓ, FÁ in red triangles. The fourth row has notes MI, MI, DÓ, DÓ, RÉ in yellow triangles. The fifth row has notes LÁ, FÁ, RÉ, LA, SOL in yellow triangles. The sixth row has notes SOL, LÁ, SOL, FÁ# in yellow circles. The seventh row has notes SOL, LÁ, SI, DÓ in yellow triangles. The eighth row has notes MI, SOL, RÉ, LÁ in blue triangles. The ninth row has notes MI, SOL in blue triangles. The diagram also includes various rhythmic symbols like dots, vertical lines, and a circled 6, along with icons for a clarinet, metalophone, and drums.

Figura 11: Puzzle do Grupo 2.

Grupo 2: B, G, MG, S

Mais um trabalho muito interessante deste grupo. Desta vez, o clarinete já não se destaca tanto entre os demais. A composição deste grupo é como uma série de perguntas e respostas, como se estivessem a estabelecer um diálogo entre instrumentos. Muito bem!

Na partitura gráfica, tal como o grupo anterior, a cada nota corresponde um símbolo, neste caso, uma figura geométrica (o nome das notas está dentro das figuras geométricas). A parte dos instrumentos de altura indefinida está registada com outra simbologia: linhas, pontos, espirais... Uma atenção para as notas interpretadas pelo clarinete: estão transpostas.

Neste grupo há, também, incoerências entre a notação e a performance. Corrigi notas nas peças cor de laranja, amarela e azul. Para além disso, na peça cor de laranja, as notas dos triângulos são tocadas antes das notas dos círculos. As setas pretas que adicionei na edição da partitura identificam essa alteração e até enriquecem o puzzle.

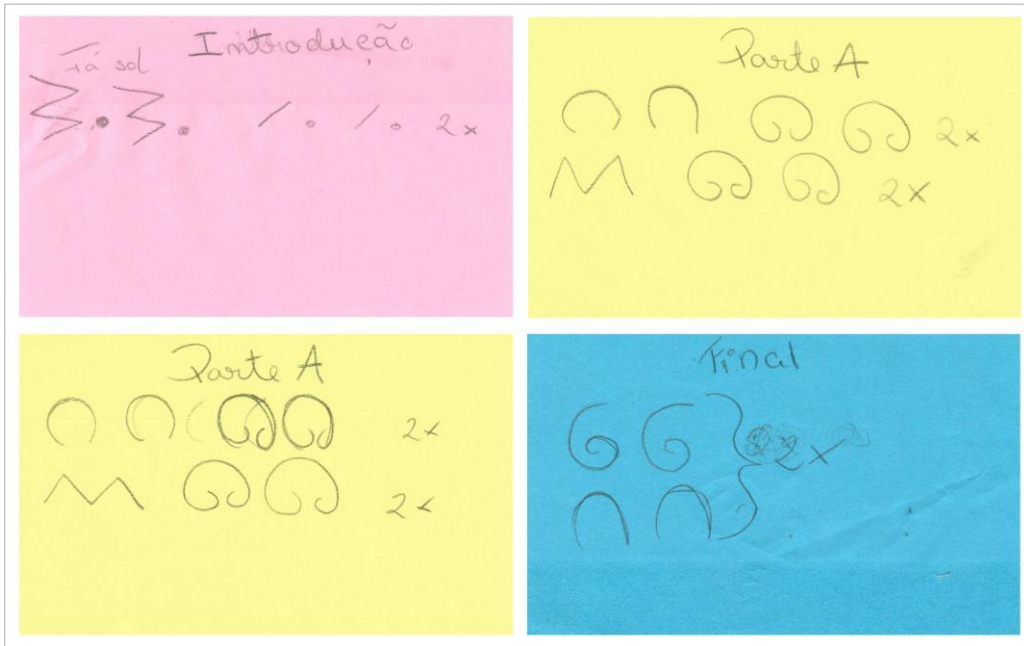


Figura 12: Peças do Grupo 3 (notação gráfica original).

E SE A MÚSICA FOSSE UM PUZZLE?
(L, MR, MT, SA) - PIANO (TECLADO DA SALA), PANDEIRETA, XILOFONE BAIXO E TAMBORIM

INTRODUÇÃO:

FÁ
SOL

PARTE A:

PARTE A:

FINAL:

The image shows a puzzle layout for Group 3. It includes a QR code in the top right corner. The puzzle pieces are arranged in four sections: 'INTRODUÇÃO' (red), 'PARTE A' (yellow), 'PARTE A' (yellow), and 'FINAL' (blue). Each section contains musical notation and icons of musical instruments: a pandeiro (top left), a xilofone (top right), and a tamborim (bottom left). The notation consists of various shapes and lines representing musical notes and rests, with some pieces having double bar lines at the end.

Figura 13: Puzzle do Grupo 3.

Grupo 3: L, MR, MT, SA

Tal como na atividade da primeira fase, o piano protagoniza a composição do grupo. A obra ficou muito interessante, com uma melodia viva, dinâmica e bastante ritmada. Gostei particularmente da introdução com o piano e o xilofone a tocarem a mesma melodia.

Ao contrário dos primeiros puzzles, este grupo apenas deixou indicação de notas na introdução (peça cor-de-rosa). As peças do grupo apresentam novidades nos elementos gráficos. Percebendo o seu potencial estético, tomei a liberdade de, na introdução, alterar a posição dos elementos aquando da edição da partitura. Do mesmo modo, substituí a indicação de repetição que os alunos propuseram, “2x”, por barras de repetição da notação convencional.

Na relação notação/performance, tive alguma dificuldade em apontar as intervenções da pandeireta.

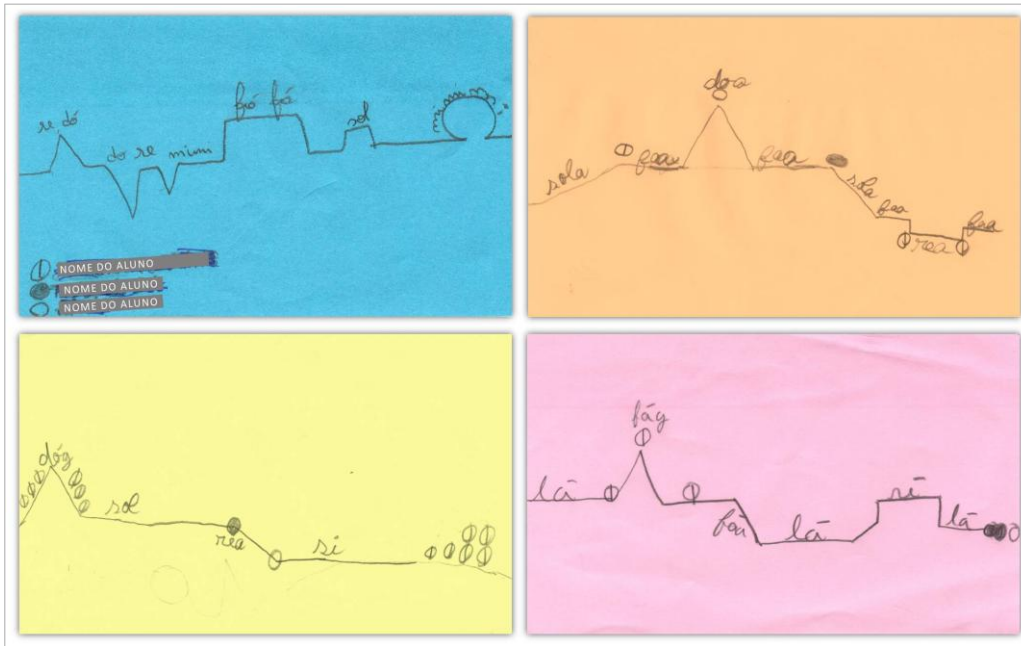


Figura 14: Peças do Grupo 4 (notação gráfica original).

E SE A MÚSICA FOSSE UM PUZZLE?
(F, R, RD, RF) - BONGÓS, CAIXA CHINESA, METALOFONE CONTRALTO E METALOFONE SOPRANO

The diagram illustrates a musical puzzle with four colored paths connecting various musical instruments and notes. The top path is blue and connects notes: RÉ DÓ, DÓ RÉ, MI MI, FÁ FÁ, SOL, FÁ FÁ, MI MI MI. The second path is yellow and connects notes: SOL, FÁ, FÁ, SOL, FÁ, RÉ, FÁ. The third path is orange and connects notes: DÓ, SOL, RÉ, SI. The bottom path is red and connects notes: LÁ, FÁ, FÁ, LÁ, RÉ, LÁ. The instruments shown include Bongós, Caixa Chinesa, Metalofone Contralto, and Metalofone Soprano.




Figura 15: Puzzle do Grupo 4.

Grupo 4: F, R, RD, RF

Novo trabalho com muita qualidade desde grupo. Neste caso, os metalofones tocam a melodia e recebem resposta dos bongós e da caixa chinesa. Este grupo tinha percebido mal a tarefa, mas ainda foram bem a tempo de corrigir e apresentar um belo resultado.

Relativamente à notação, este foi o grupo que mais se aproximou do exemplo de partitura gráfica que distribuí para a atividade da primeira fase. Cada peça tem uma linha melódica com as notas escritas e todas coincidiram com a performance. Contudo, na peça azul, foi tocada a nota *fá* antes dos últimos três *mi*. Compreendi que os círculos representavam as partes dos instrumentos de percussão de altura indefinida. Porém, como o grupo apresentou três tipos de círculo e não manteve o critério ao longo da performance, não consegui identificar com clareza qual a correspondência entre os símbolos e os instrumentos.

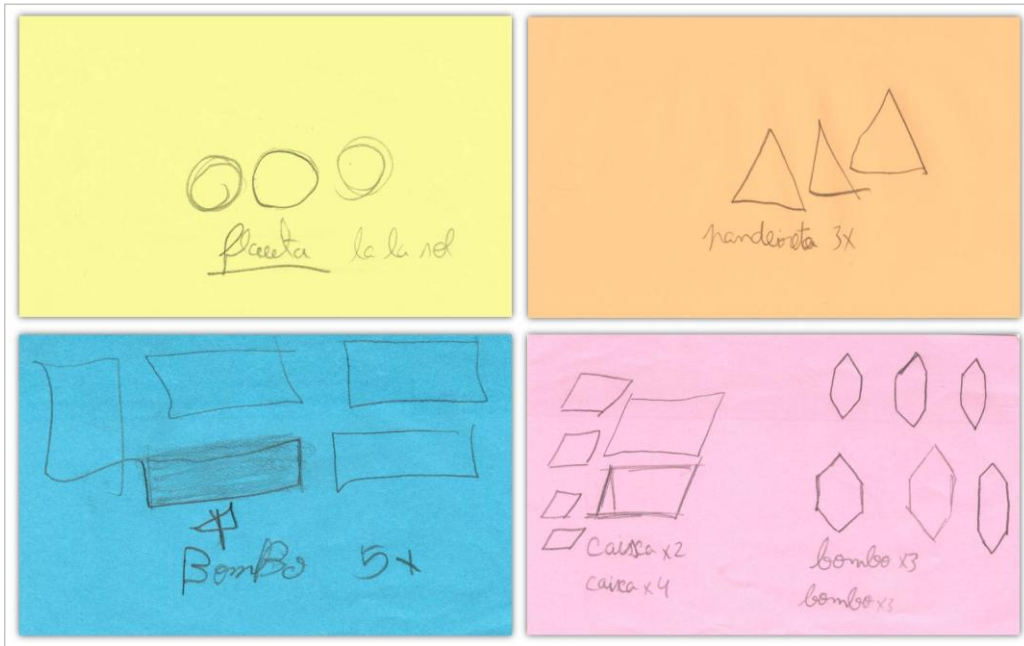


Figura 16: Peças do Grupo 5 (notação gráfica original).

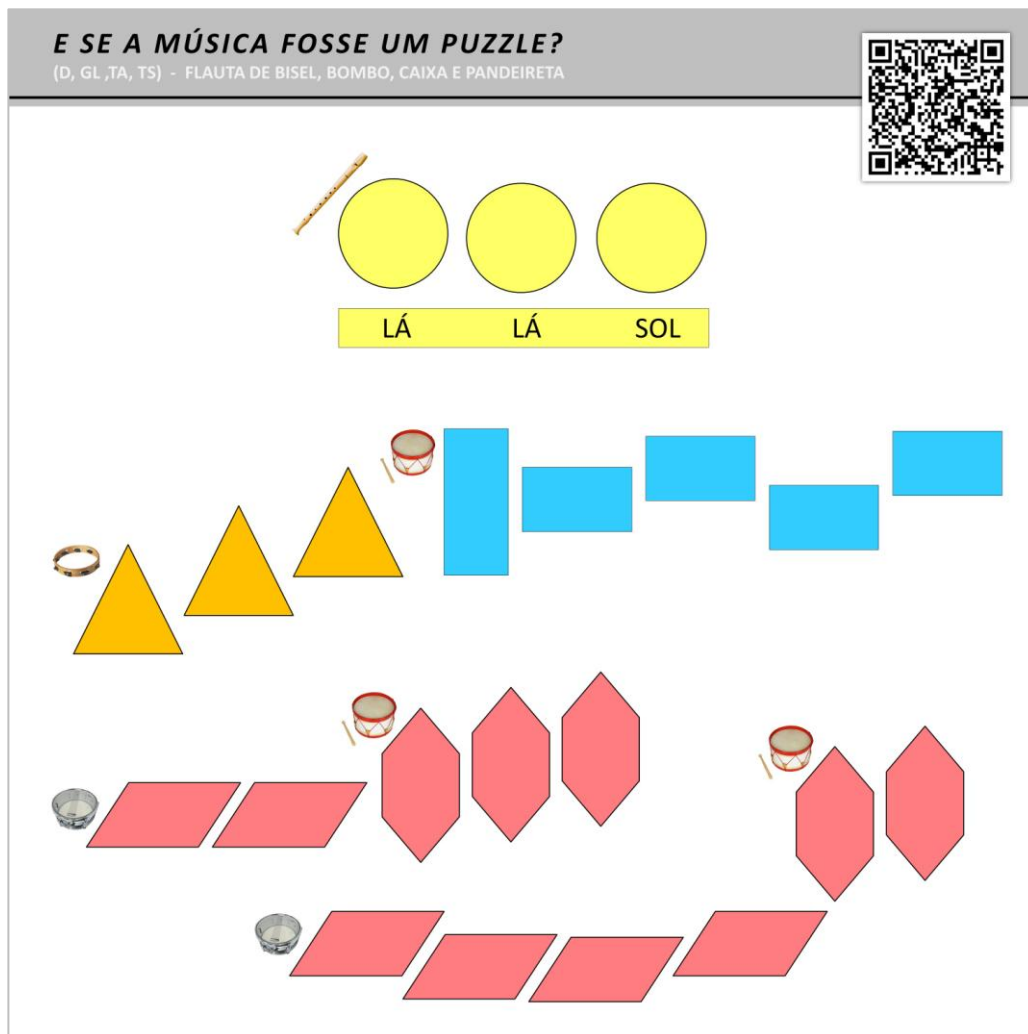


Figura 17: Puzzle do Grupo 5.

Grupo 5: D, GL, TA, TS

Este grupo voltou a apresentar uma composição essencialmente rítmica, com instrumentos de percussão de altura indefinida. É uma obra curta, mas repleta de energia. Mais uma vez, a flauta de bisel fez a introdução e do resto encarregou-se a percussão: primeiro, a pandeireta; depois, o bombo e a caixa.

Relativamente à notação, este grupo recorreu a figuras geométricas. A parte da flauta de bisel tem as notas identificadas.

Quadro Sinótico 7

Relação objetivos, estratégias e avaliação

Objetivos	Estratégias	Avaliação
O1	E2, E4	Muito Bem Conseguida
O2	E2, E6, E7, E8, E9	Bem Conseguida
O3	E6, E10, E12, E13, E14	Muito Bem Conseguida
O4	E6, E8, E15, E16	Bem Conseguida

Avaliação geral: Bem Conseguida

3. AVALIAÇÃO GERAL DO PROJETO

A avaliação geral deste projeto *E se a Música fosse um puzzle?* pressupõe uma análise relativa ao cumprimento do objetivo geral definido. Por sua vez, o cumprimento do objetivo geral resulta da concretização dos objetivos específicos. Não havendo dados estatísticos a considerar, avaliação geral do projeto assume caráter qualitativo.

Neste projeto, o essencial é a avaliação reflexiva da prática docente. O desempenho dos alunos foi analisado como um indicador de avaliação. Neste caso, para além dos produtos finais, avalio a qualidade do processo de trabalho e criação musical nas *Experiências Preparatórias* e no *Projeto Final*.

A observação direta e participante foi a técnica de recolha de dados a que recorri e estive na base da atribuição da avaliação. Quivy e Campehoudt (1995) afirmam que "a observação direta é aquela em que o próprio investigador procede à recolha das informações." (p.164). O mesmo é defendido por Baptista e Sousa (2011): a observação direta é uma "técnica de recolha de dados que se baseia na presença do investigador no local". (p.88). Por ser participante, esta técnica de recolha de dados proporciona uma aproximação ao contexto de intervenção e ao grupo-alvo o que permite, neste caso concreto, que o professor intervenha em sala de aula com os seus alunos. (Martins, 1994, citado por Alferes et al, 2017, p.727).

As reflexões de aula efetuadas ao longo do ano letivo registam os frutos da recolha de dados. Estas poderiam assumir, também, a designação de notas de campo ou diário de bordo. Para Condessa (2020), as notas de campo deverão ser detalhadas e descritivas, englobando assuntos relativamente a lugares, acontecimentos, atividades, conversas, ideias, estratégias e reflexões.

Utilizo, para avaliação geral do projeto, a mesma escala utilizada para a avaliação das *Experiências Preparatórias* e as atividades do *Projeto Final: Pouco Conseguido, Parcialmente Conseguido, Bem Conseguido e Muito Bem Conseguido*. Uma vez que a avaliação geral do projeto resulta da análise e reflexão pessoal sobre o cumprimento dos objetivos definidos, recorro, também, a uma escala própria que, apesar de não testada empiricamente, é coerente com o modelo de avaliação que apresento.

Para facilitar a leitura, recupero a listagem dos objetivos:

Objetivo geral:

- Implementar práticas de improvisação e composição musical na aula de Educação Musical, equilibrando os domínios consagrados nas Aprendizagens Essenciais: “Experimentação e Criação”, “Interpretação e Comunicação” e “Apropriação e Reflexão”.

Objetivos específicos:

- **O1:** Promover experiências de aprendizagem inovadoras, introduzindo novas atividades e práticas que rompam com a rotina habitual da aula de Educação Musical, estimulando a curiosidade, a criatividade e o envolvimento ativo no processo de ensino/aprendizagem;
- **O2:** Estimular a criação e consciencialização de ideias de autoria, contribuindo para o desenvolvimento da identidade;
- **O3:** Tornar a turma de Educação Musical numa “comunidade de prática”, potenciando o desenvolvimento das relações interpessoais (Machado, 2019);
- **O4:** Concretizar o projeto num produto final priorizando, contudo, o processo de trabalho em sala de aula (em consonância com o Programa de Educação Musical do 2.º Ciclo do Ensino Básico).

Experiências preparatórias

Ao longo da apresentação e descrição das experiências preparatórias, tive a oportunidade de registar a sua avaliação, tendo considerado:

- 1 experiência preparatória *Parcialmente Conseguida*;
- 1 experiência preparatória *Bem Conseguida*;
- 3 experiências preparatórias *Muito Bem Conseguidas*

Relativamente aos objetivos:

- O1:** Cumprido em todas as experiências;
- O2:** Cumprido nas experiências preparatórias 1, 3, 4 e 5;
- O3:** Cumprido nas experiências 2, 3, 4 e 5;
- O4:** Não aplicável

Projeto final

Tal como para as experiências preparatórias, recupero a avaliação atribuída às experiências do projeto final:

- 1 experiência *Bem Conseguida* (segunda fase);
- 1 experiência *Muito Bem Conseguida* (primeira fase).

Relativamente aos objetivos:

- O1:** Cumprido, sobretudo pela introdução da partitura gráfica e notação não convencional nas duas fases do projeto final;
- O2:** Cumprido nas duas fases do projeto final;
- O3:** Cumprido nas duas fases do projeto final;
- O4:** Cumprido nas duas fases do projeto final.

Cumpridos os objetivos específicos, considero que o objetivo geral que defini foi atingido. Assim, em conformidade com a avaliação atribuída às diversas experiências apresentadas, classifico o projeto *E se a Música fosse um puzzle?* com avaliação de ***Muito Bem Conseguido***.

CAPÍTULO IV
REFLEXÃO SOBRE AS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

1. DEPOIS DA ÚLTIMA PEÇA

Este capítulo conclui não só este relatório mas também um ano letivo de Prática de Ensino Supervisionada. Foi um ano desafiante, mas, sem dúvida, um ano feliz, profícuo e de grande realização.

O início, na verdade, foi atribulado. Antecipadamente, de acordo com o regulamento da unidade curricular, procurei e consegui uma oportunidade para realizar o estágio num agrupamento de escolas na minha área de residência. Em vésperas da minha entrada na escola, fui surpreendido com a baixa médica do único professor de Educação Musical da escola e que tinha aceitado o desafio de ser o meu professor cooperante. Este constrangimento levou a que a direção do agrupamento entendesse que não existiam condições para prosseguir com o protocolo.

Procurei, de imediato, uma solução alternativa. Havendo mais um agrupamento de escolas na cidade, contactei a direção e obtive permissão para nele realizar a Prática de Ensino Supervisionada. Felizmente, continuei na minha área de residência. No entanto, este processo fez-me iniciar o estágio, praticamente, um mês após a data prevista pela organização da unidade curricular. Não previa, contudo, que ainda iria a tempo de viver um ano intenso por tantas experiências que me enriqueceram pessoal e profissionalmente.

Este foi um ano de transformação. O aluno transformou-se no professor. Confesso que, mesmo já sendo professor de guitarra e iniciação musical numa Academia de Música, estava algo receoso relativamente à forma como iria interagir com os alunos das turmas que me foram atribuídas. Finalizado o estágio, é motivo para afirmar que era um receio infundado. Rapidamente houve empatia entre mim, professor estagiário, e os alunos. Foi um processo natural, porque, mesmo com responsabilidades acrescidas, mantive a minha identidade.

Relativamente à lecionação, sentia-me seguro ao nível dos conhecimentos. Contudo, ser portador do conhecimento não garante um bom professor. Neste sentido, o que mais me surpreendeu foi a forma como consegui transmitir cada conteúdo em cada aula e sentir que os alunos acompanhavam.

No caso concreto da turma do 5.º ano, na qual exerci a prática pedagógica mais regular, os alunos, quando postos à prova, fosse nos testes escritos ou nas avaliações de flauta de bisel, responderam assertivamente, tendo sido atribuída a classificação máxima a muitos alunos. Ainda que em número reduzido, registaram-se, também, alguns resultados menos bons. Quando verificava dificuldades, procurei estar disponível para responder a cada dúvida

e ajudar a ultrapassar cada obstáculo. Em momentos de manifestação de desinteresse, ainda que esporádicos, foi importante estar atento aos sinais que os alunos davam e, se necessário, adaptar estratégias. Nestas ocasiões foi importante deixar uma marca pessoal, procurando tornar-me exemplo para os alunos. Procurei que as minhas aulas fossem dinâmicas, privilegiando a prática musical sem descurar o conhecimento teórico.

Pessoalmente, mais difícil do que o ato de lecionar foi o trabalho prévio de planificação das aulas. No início da minha intervenção pedagógica, a professora cooperante sugeriu que, tal como se procedera na fase de observação, continuasse a seguir o manual adotado pela escola. Nesse sentido, e salvaguardando os ajustes necessários à turma do 5.º ano, recorri ao próprio modelo de planificação que a editora disponibiliza. Reconheço a mais-valia desta ferramenta para o professor, todavia não seria, pela utilização deste modelo que planificar as aulas se tornaria mais fácil. Foi uma tarefa semanal que me ocupou algum tempo pela necessidade de planificar para uma turma com especificidades que precisam de ser respeitadas e valorizadas. Ainda assim, ao longo do ano letivo, fui cumprindo, com responsabilidade e rigor, o compromisso de envio das planificações na véspera de cada aula.

Relembrando o capítulo II, o agrupamento de escolas onde estagiei privilegia a Educação Artística, na qual se insere a Música. Acompanhei e colaborei com a professora cooperante no projeto artístico do agrupamento. Neste espaço, desenvolvemos um trabalho muito interessante, em articulação com alunos e professores de distintas áreas artísticas. Com quatro turmas de 5.º e 6.º anos, uma de cada ano de escolaridade, por semestre, preparámos quatro espetáculos, criando a oportunidade de todas turmas subirem a palco do Teatro Municipal.

Também inserido no projeto, acompanhei duas turmas do 7.º ano no designado “Semestre Musical”, naquela que é uma importante aposta do agrupamento, porque são já poucos os que ainda oferecem a disciplina de Educação Musical ou projetos equivalentes no 3.º ciclo do Ensino Básico. Ajudei os alunos do 7.º ano na prática de ukulele, estratégia inovadora e motivadora para a prática musical. Também as turmas do 7.º ano puderam subir a palco e efetuar uma performance nos espetáculos intermédios.

Termino este ano de Prática de Ensino Supervisionada com o sentimento de missão cumprida, mais preparado para o futuro e com a noção de que posso ser útil acrescentar valor à disciplina de Educação Musical e também ser voz viva na luta por maior protagonismo e responsabilidade no currículo e na sociedade.

2. OS PRÓXIMOS PUZZLES

O Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico tem como principal objetivo formar e preparar os futuros professores para o exercício da docência nesta área. A unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada constitui a etapa culminante deste processo formativo, representando o momento em que o estudante assume, simultaneamente, o papel de aluno e professor: “O Estágio Supervisionado é o primeiro contato que o aluno-professor tem com seu futuro campo de atuação. Onde, por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando poderá refletir sobre e vislumbrar futuras ações pedagógicas.” (Linhares et al., 2014, p.116).

Concluído o ano letivo e o período de estágio, considero-me mais preparado e capacitado para iniciar a minha carreira profissional como professor de Educação Musical. Este percurso permitiu-me desenvolver competências pedagógicas, didáticas e reflexivas que considero serem essenciais para o desempenho docente. Contudo, reconheço que o desenvolvimento profissional é um processo contínuo: se, por um lado, há muito para ensinar, por outro, haverá sempre muito para aprender. Assim, devo encarar o futuro com humildade e com a consciência de que a docência implica uma permanente atualização, adaptação e reflexão crítica sobre a prática.

Cada ano letivo terá a sua história, apresentando desafios próprios e contextos únicos. Não existem alunos, turmas e escolas iguais. Consequentemente, as estratégias pedagógicas eficazes com um determinado grupo poderão não produzir os mesmos resultados noutra. Uma das aprendizagens mais significativas desta etapa formativa foi, precisamente, a consciência de que a observação, ativa e participante, deve ser uma prática constante ao longo da carreira docente. É o diagnóstico daí resultante que levará ao ajuste das estratégias pedagógicas, passo fundamental para o sucesso do processo de ensino/aprendizagem.

Os próprios alunos são, muitas vezes, portadores de experiências e repertórios que podem e devem entrar na sala de aula, sobretudo numa disciplina artística, cultural e socialmente enraizada como a Educação Musical. Neste sentido, a escuta ativa, o diálogo e a valorização da diversidade cultural emergem como princípios estruturantes de uma prática educativa humanista e inclusiva. Assim, garantidamente, o professor de Educação Musical testemunhará a transformação de cada turma na referida “comunidade de prática”, na qual cada aluno, por reconhecer a sua identidade valorizada, sentir-se-á motivado e incentivado para a prática musical (Machado, 2019).

A evolução da sociedade contemporânea, permeada pelas evidências das suas necessidades, dos seus consumos, exerce, também, uma influência direta na ação pedagógica e implica um constante reajustamento das práticas educativas. Vivemos numa sociedade cada vez mais tecnológica. A comunidade educativa adaptou-se e, atualmente, são já muitos os recursos tecnológicos com influência direta no dia-a-dia escolar. Na disciplina de Educação Musical, a tecnologia permite, desde logo, o acesso a um número ilimitado de músicas à distância de escassos “cliques”, mas também a utilização de recursos multimédia, simuladores de instrumentos musicais ou programas de criação musical instantânea como o *Play Composer*, ao qual recorri neste ano de estágio. Inevitavelmente, os riscos associados à tecnologia também se vão cimentando na sociedade. Os efeitos nefastos no desenvolvimento das competências sociais não podem ser ignorados, pelo contrário é urgente uma reflexão muito séria e uma ação determinada. As escolas e toda a comunidade escolar são sensíveis a esta problemática e sentem a responsabilidade de serem cooperantes na ação.

Tomemos, por exemplo, o assunto desenvolvido no capítulo I, onde alertei para a tendência de crescimento da inteligência artificial. Creio que será uma realidade nas escolas e que se constituirá como um novo desafio que vai obrigar os professores a reinventarem as suas práticas pedagógicas. Prevejo, ainda assim, que o desenvolvimento tecnológico não conseguirá substituir o valor artístico e humano que a Música transporta.

Estes parágrafos são, para mim, premissas que pretendo concretizar no meu projeto de aula de Educação Musical, ao qual acrescento a intenção, de acordo com o revogado Programa de Educação Musical do 2.º Ciclo do Básico, de privilegiar a prática musical, sem desvalorizar o conhecimento teórico: “Fazer Música é a questão mais importante. Teoria e informação são meios e suportes que, por si só, não levam à compreensão musical. Nunca poderão substituir-se ao envolvimento pessoal dos alunos com a Arte.” (Direção-Geral da Educação, s.d., p.213). O mesmo programa reitera que o foco da disciplina deverá incidir sobre o processo de trabalho em sala de aula e não sobre determinada apresentação pública que se possa realizar. Imagino a minha aula dinâmica e fluída, marcada por uma relação mútua de empatia entre professor e alunos.

Concluo, reforçando, que este estágio foi uma etapa a formação que me preparou para o início do meu percurso profissional, que será sempre um processo, o que implicará a continuidade de uma aprendizagem e adaptação constantes. Quero ser, pela minha experiência profissional e pessoal, um exemplo para as minhas turmas. Como ouvi, frequentemente, enquanto frequentei as aulas do mestrado, “basta uma má experiência para que um aluno

perca toda a motivação e envolvimento com a Música”. Assim, e, porque se faltar uma peça, o puzzle ficará incompleto, olharei para cada aluno como um membro essencial da minha “comunidade de prática”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alferes, V. R., Castro, P. A., Mónico, L. S. & P. M. Parreira. (2017). Atas do VI Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, 3, 724-733. CIAIQ.
- Araújo, M. J., & Veloso, A. L. (2016). Música como Prática Social: Uma Reflexão Crítica sobre a Atividade de Educação Musical no 1.º Ciclo do Ensino Básico no Âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 6(1), 65-78.
- Associação Portuguesa de Educação Musical. (2016, 30 de abril). *Que Educação queremos? Repensar o lugar da Música no currículo do séc. XXI*. (Comunicação oral). Conferência Currículo do Séc. XXI: competências, conhecimentos e valores. Lisboa, Portugal.
- Azzara, C. D. & Grunow, R. F. (2006). *Developing Musicianship Through Improvisation*. Chicago: GIA Publications, Inc. Chicago.
- Baptista, C. S., & Sousa, M. J. (2011). Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha. Pactor Edições.
- Beineke, V. (2008). A composição no ensino de música: perspectivas de pesquisa e tendências atuais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, 20, pp.19-32.
- Cardew, C. (s.d.). *Treatise*. The Gallery Upstairs Press.
- Condessa, I. C. (2020). O recurso à observação como estratégia de formação inicial docente: notas de campo e outros registos. *Instrumento – Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, 22(2), 248-261.
- Direção-Geral da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais*. República Portuguesa (Educação).
- Direção-Geral da Educação. (s.d.). Programa de Educação Musical do 2.º Ciclo. (revogado pelo despacho 6605-A/2021, de 6 de julho).
- Fernandes, D. (2009). A importância de ensinar. *A Página da Educação*. 186. pp. 86-87.
- Freire, P. (1994). Ensinar, aprendendo. *O Comunitário*. Campinas. 6 (38), pp. 6-9.
- Glover, J. & Scaife, N. (2004). Improvising and composing for groups. In ABRSM, *Teaching music in groups*. pp.79-95. Londres: ABRSM.
- Herzfield, F. (1992). *Nós e a Música*. (L. F. Branco, Trad.). Livros do Brasil. (Obra originalmente publicada em 1954).
- Higgins, L., & Mantie, R. (2013). Improvisation as Ability, Culture, and Experience. *Music Educators Journal*, 100(38), pp.38-44.
- Linhares, P., Irineu, T., Silva, J., Figueiredo, J., & Sousa, T. (2014). A Importância Da Escola, Aluno, Estágio Supervisionado e Todo o Processo Educacional Na Formação Inicial Do Professor. *Revista Terceiro Incluído*, 4(2), 115-116. <https://doi.org/10.5216/teri.v4i2.35258>
- Machado, C. (2019). Invenções na Terra das Crianças: Construção de Identidades e Ideias de Autoria na Aula de Música. Em R. Schambeck, S. Figueiredo, & V. Beineke, *Processos e Práticas em Educação Musical* (pp. 211-226). Fino Traço Editora Ltda.
- Mota, G. (2014). A Educação Musical em Portugal - Uma história plena de contradições. *Debates.Unirio*, n.º 13, pp. 41-50.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2o ed.). Gradiva, pp. 158-196.
- Roldão, M. C. (2000). *Currículo e Gestão das Aprendizagens: as Palavras e as Práticas*. CIFOP. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 1-26.
- Willems, E. (1970) - *As Bases Psicológicas da Educação Musical*. Edição patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian, Edições Pro-Musica: Bienne - Suíça.

ANEXOS

ANEXO 1: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 1.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 1	
Unidade 1	
	Turma: 5.º ano Lição: 19 Data: 19 - 11 - 2024
Sumário	Aula Digital: Exploração do recurso "Play Composer" (Anexo C). Realização do exercício n.º 1 (Anexo E).
Conceitos /Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Timbre, Altura, Melodia, Ritmo, Composição, Música e Tecnologias.
Domínios /Aprendizagens	<p>Experimentação e Criação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e software); • Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo. <p>Interpretação e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. • Interpretar, através do movimento corporal, contextos musicais contrastantes. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar a sua experiência musical com outras áreas do conhecimento, através de atividades diversificadas que integrem e potenciem a transversalidade do saber.
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar, em grupo, o tema "Bat City" (Anexos A e B). • Aprender a compor Música através da <i>app Play Composer</i> (Anexos).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Flauta; • Computadores; • Tela e projetor; • Manual - pp. 18 e 19 (Anexo A); • Play-along "Bat City" (Anexo B); • Vídeo "Tutorial Play Composer" (Anexo D); • <i>Play Composer</i> - p. 6, ex. 1 - (Anexo C).
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação do tema "Bat City" na flauta e percussão corporal (faixas áudio ou play-along) (Anexos A e B); • Acompanhamento e auxílio na instalação da <i>app Play Composer</i> (Anexo C); • Visionamento do vídeo "Tutorial Play Composer" (Anexo D); • Exploração dos instrumentos e timbres disponíveis no <i>Play Composer</i>; • Realização do exercício de composição no <i>Play Composer</i> - p. 6, ex. 1 (Anexo E); • Reflexão/diálogo com os alunos acerca do plano de aula.
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Verificação da realização do exercício proposto; • Diálogo/ reflexão com os alunos;
Referências	Araújo, J. & Santos, T. (2024). Play 5.º ano Educação Musical. Porto Editora.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 1

Unidade 1

ANEXOS

ANEXO A - Partitura do tema “Bat City”

ANEXO B - Play-along do tema “Bat City”

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerquest/player/29448743/res>

ANEXO C - Acesso ao *Play Composer*

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playteacher/resource/30324277/E?showHeader=true>

ANEXO D - Vídeo “Tutorial *Play Composer*”

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerquest/player/38543990/resource>

ANEXO E - Exercício de composição no *Play Composer* (p. 6, ex. 1);

Reflexão n.º 1
19 de novembro de 2024
João Pedro Adrega

Primera aula.

Hoje, por achar que já recolhi os dados necessários na etapa de observação iniciei a minha intervenção na turma do 5.º ano.

Estava um pouco nervoso, confesso. No entanto, o toque de entrada foi o despertar para a naturalidade com que encarei este grande passo. Muita responsabilidade, mas muita ambição de querer fazer com que tudo corra bem.

Relativamente à turma, de salientar que este não foi o primeiro contacto. Já conto algumas aulas de observação/cooperação. Contudo, este é o primeiro espaço no qual posso descrever um pouco do ambiente da sala de aula e até de um modo mais informal. Já tinha antevisto, fruto das aulas anteriores, que a turma poderia acolher muito bem a novidade que é passarem a ver-me mais interventivo na aula. E as expectativas foram correspondidas. Gostei muito da postura da turma, de cada aluno em particular (embora uns mais concentrados que outros) e perspectivo um grande ano. Da fase de observação/cooperação, devo salientar a especificidade do aluno RF, que, habitualmente, se costuma sentar na mesa da professora. Não me parece que se trate de um aluno malcomportado ou que demonstre má educação. Parece-me uma questão sobretudo ligada ao défice de atenção. Será, porventura, uma estratégia que permite maior controlo da situação. Para mim, não faz muito sentido que um aluno acabe por ficar isolado perante a disposição da turma na sala. No entanto, também não me iria opor a uma opção que já estava tomada anteriormente pela professora cooperante. Veremos se ao longo do ano a situação se altera.

A origem da planificação desta primeira aula está numa decisão/indicação da escola, que prevê que todas as turmas tenham algumas horas destinadas à componente digital, em todas as disciplinas. A Educação Musical não é exceção. Desta forma, em reunião prévia com a professora cooperante, decidi que, para esta primeira aula, recorrer a este recurso podia ser uma boa opção.

A escola adotou o manual *Play*, da Porto Editora. Este dispõe de vários recursos interessantes e pertinentes ao processo de ensino/aprendizagem de Educação Musical. Um deles é a aplicação *Play Composer*. Como o nome sugere, esta aplicação aproxima os alunos da área da composição: com um clique, conseguem acionar e criar múltiplas combinações rítmicas, melódicas e harmónicas produzidas por sons gravados de diversos instrumentos. Uma vez que a minha ideia inicial de projeto prevê esta aproximação dos alunos ao domínio da criação/experimentação musical, perspectivo que promover o uso desta aplicação pode aumentar o leque de opções e recursos de trabalho que poderão levar à recolha de bons frutos no final do

ano. Por todos estes motivos, a planificação de hoje, então, previa a instalação e a exploração da aplicação *Play Composer*, através do visionamento de um vídeo tutorial e da resolução de um exercício que o caderno de atividades associado à aplicação sugere.

Infelizmente, os 60 minutos de aula acabaram por ser escassos para a concretização desta planificação, porventura, demasiado ambiciosa. Na verdade, poderia ter previsto que ter 20 alunos com o computador na sala traria algumas condicionantes logísticas, desde logo, pela questão do acesso à internet, necessária para proceder à instalação da aplicação. Portanto, uma vez que tanto eu como a professora cooperante tivemos que prestar apoio individual, esta aula serviu, apenas, para a instalação da aplicação, o que nem todos conseguiram por condicionantes que me são alheias como, por exemplo, os alunos não se lembrarem das *passwords* do computador. Nestes casos, pedi que instalassem o programa como trabalho de casa, o que seria importante já que pedi aos alunos que voltassem a trazer os computadores na próxima aula, como tentativa de reaproveitar esta planificação que não consegui cumprir.

ANEXO 2: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 1.1.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 1.1			
Unidade 1			
	Turma: 5.º ano	Lição: 20	Data: 21 - 11 - 2024
Sumário	Aula Digital: Exploração do recurso "Play Composer" (Anexo C). Realização do exercício n.º 1 (Anexo E).		
Conceitos /Conteúdos	• Timbre, Altura, Melodia, Ritmo, Composição, Música e Tecnologias.		
Domínios /Aprendizagens	<p>Experimentação e Criação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e software); • Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo. <p>Interpretação e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. • Interpretar, através do movimento corporal, contextos musicais contrastantes. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar a sua experiência musical com outras áreas do conhecimento, através de atividades diversificadas que integrem e potenciem a transversalidade do saber. 		
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar, em grupo, o tema "Bat City" (Anexos A e B). • Aprender a compor Música através da <i>app Play Composer</i> (Anexo C) 		
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Flauta; • Computadores; • Tela e projetor; • Manual - pp. 18 e 19 (Anexo A); • Play-along "Bat City" (Anexo B); • Vídeo "Tutorial Play Composer" (Anexo D); • <i>Play Composer</i> - p. 6, ex. 1 - (Anexo C). 		
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação do tema "Bat City" na flauta e percussão corporal (faixas áudio ou play-along) (Anexos A e B); • Visionamento do vídeo "Tutorial Play Composer" (Anexo D); • Exploração dos instrumentos e timbres disponíveis no <i>Play Composer</i>; • Realização do exercício de composição no <i>Play Composer</i> - p. 6, ex. 1 (Anexo E); • Reflexão/diálogo com os alunos acerca do plano de aula. 		
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Verificação da realização do exercício proposto; • Diálogo/ reflexão com os alunos; 		
Referências	Araújo, J. & Santos, T. (2024). Play 5.º ano Educação Musical. Porto Editora.		

PLANIFICAÇÃO DE AULA 1.1

Unidade 1

ANEXOS

ANEXO A - Partitura do tema “Bat City”

ANEXO B - Play-along do tema “Bat City”

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerquest/player/29448743/res>

ANEXO C - Acesso ao *Play Composer*

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playteacher/resource/30324277/E?showHeader=true>

ANEXO D - Vídeo “Tutorial *Play Composer*”

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerquest/player/38543990/resource>

ANEXO E - Exercício de composição no *Play Composer* (p. 6, ex. 1);

Reflexão n.º 1.1
21 de novembro de 2024
João Pedro Adrega

Arranque em falso, não há como esconder.

Após a primeira aula ter servido, apenas, para a instalação da aplicação *Play Composer*, para a aula de hoje, juntamente com a professora cooperante, decidi voltar a tentar aplicar a planificação da aula anterior. Por esse motivo, numerei a planificação e esta reflexão como “1.1” e não como “2”.

Inicialmente, fui surpreendido pela professora cooperante, que quis lecionar a primeira parte da aula (cerca de 30 minutos). Neste tempo trabalhámos a estrutura binária e a peça “O pastor”, dos Madredeus. Tenho algum receio de não ter sido suficientemente claro com a professora cooperante acerca da minha necessidade de passar a assumir a condução das aulas.

A professora concedeu-me, contudo, a segunda metade da aula para realizar o que pretendia. Pareceu-me pouco tempo, mas era o meu momento e tinha de o aproveitar. Infelizmente, os problemas repetiram-se. No final da aula passada, os alunos não tinham ficado no mesmo passo da instalação (uns estavam mais avançados que outros). Neste sentido, pedi-lhes que, até hoje, em casa, pudessem terminar o processo para que a aula fosse fluída. Alguns alunos seguirão a indicação e chegaram à aula com a aplicação instalada, mas tratou-se de uma clara minoria (A, G, M, MT, SR2 e SF).

À semelhança da aula anterior, o tempo de ligar os computadores, terminar a instalação e aceder à escola virtual (necessário para abrir a aplicação) acabou por ocupar a totalidade do tempo que restava. Enquanto eu e a professora cooperante ajudávamos os alunos que estavam com mais dificuldades na instalação fui reparando que os que já tinham terminado estavam a explorar a aplicação e ainda ouvi algumas experiências interessantes. Percebi que esses alunos ficaram bastante motivados ao trabalhar com o recurso que tinham ao seu dispor.

Esta percepção acaba por me dar algum alento neste início de intervenção atribulado. Saio da aula de hoje com a certeza que (tentar) trabalhar com o *Play Composer* numa aula de 60 minutos traz mais desvantagens do que benefícios.

Relativamente ao facto de a professora cooperante ter lecionando a primeira parte da aula, é algo que tenho de esclarecer até à próxima aula para não ser novamente apanhado desprevenido.

ANEXO 3: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 3.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 3

Unidade 2

	Turma: 5.º ano	Lição: 22	Data: 28 - 11 - 2024
Sumário	Verificação e correção do trabalho de casa. Criação de um arranjo para instrumental Orff e interpretação da canção de Natal: "Adivinha o que eu pedi" (Tito Santos). Ensino/ Aprendizagem e interpretação vocal da canção de Natal "Jingle Bells (roupa não é prenda)".		
Conceitos /Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> Instrumental Orff, as famílias dos instrumentos, instrumentos de altura definida e indefinida, Timbre, Altura, Melodia, Ritmo 		
Domínios /Aprendizagens	<p>Interpretação e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal; Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados; Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais. 		
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> Consolidar os conteúdos lecionados na aula anterior: instrumentos Orff, família dos instrumentos, altura definida e indefinida (Anexo A); Criar e interpretar um arranjo para instrumental Orff da canção de Natal "Adivinha o que eu pedi" (Anexos B e C); Aprender e interpretar a canção de Natal "Jingle Bells (roupa não é prenda)" (Anexos D e E). 		
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> Manual (pp. 38 e 39); Caderno de Atividades (pp. 11 e 12) Computador e colunas; Tela e projector; Instrumentos de sala de aula; Guitarra/ Teclado; Partitura e play along/ instrumental/faixa mp3 da canção "Adivinha o que eu pedi"; (Anexos B e C) Partitura e play along/ instrumental/ faixa mp3 da canção de Natal "Jingle Bells (roupa não é prenda)"(Anexos D e E). 		
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> Projeção do sumário Verificação e correção do trabalho de casa (Anexo A); Diálogo com os alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior (revisão); Interpretação vocal da canção de Natal "Adivinha o que eu pedi" (revisão) (Anexos B e C); Processo de criação do arranjo para instrumental Orff da canção; Interpretação vocal acompanhada de instrumental Orff da canção; Audição da canção de Natal "Jingle Bells (roupa não é prenda)" (Anexo E); Processo de ensino/aprendizagem da canção acompanhado de guitarra/teclado; Interpretação vocal da canção "Jingle Bells (roupa não é prenda)" (Anexos D e E); Reflexão/Diálogo com os alunos acerca da aula. 		
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta; Verificação do trabalho de casa (Anexo A); Diálogo/ reflexão com os alunos - qualidade e rigor das intervenções orais; Qualidade da interpretação vocal e instrumental da canção de Natal "Adivinha o que eu pedi"; Qualidade da interpretação vocal da canção de Natal: "Jingle Bells (roupa não é prenda)". 		
Referências	Araújo, J. & Santos, T. (2024). Play 5.º ano Educação Musical. Porto Editora.		

PLANIFICAÇÃO DE AULA 3

Unidade 2

ANEXOS

ANEXO A - Exercícios do Caderno de Atividades

02

5. Liga cada um dos instrumentos apresentados à família correspondente.

11

02

6. Indica quais os instrumentos de percussão de altura definida e quais os de altura indefinida, ligando ao balão correspondente.

12

ANEXO B - Partitura da Canção de Natal “Adivinha o que eu pedi”

PLANIFICAÇÃO DE AULA 3

Unidade 2

Adivinha o que eu pedi

Tito Santos | Arranjo: Diogo Santos Silva

A - cor - dei pen - sei em ti...
Es - tar sempre ao pé de... ti...
Queres sa - ber, nem eu sei bem...
Eu a - té me por - tei bem...

A so - nhar já foi si - sim...
Dar - to a mão fi - car a - li...
Co - mo foi já nem eu sei...
Nin - guém sabe o que eu pas - sei...

A - di - vi - nha o que eu pe - di... Pa - ra es...
te Na - tal...
Sem ti sou na - da...
Es mais que tu - do...
Es pren - da ra - ra... Eu por ti...
mudo o mun - do...

ANEXO C - Play-along da canção “Adivinha o que eu pedi”

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerguest/player/30996293/res>

ANEXO D - Partitura da canção “Jingle Bells (roupa não é prenda)”

PLANIFICAÇÃO DE AULA 3

Unidade 2

Adivinha o que eu pedi
Tito Santos | Arranjo: Diogo Santos Silva

A - cor - dei pen - sei em ti
Es - tar sempre ao pé de ti
Queres sa - ber, nem eu sei bem
Eu a - té me por - tel bem

A so - nhar já foi as - sim
Dar - te a mão fi - car a - si
Co - mo foi já nem eu sei
Nin - guém sabe o que eu pas - sei

A - di - vi - nha o que eu pe - di Pa - ra es -
te Na - tal

Sem ti sou na - da
Es mais que tu - do

Es pren - da ra - ra Eu por ti
mudo o mun - do

ANEXO C - Play-along da canção “Adivinha o que eu pedi”
<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerguest/player/30996293/res>

ANEXO D - Partitura da canção “Jingle Bells (roupa não é prenda)”

Reflexão n.º 3
28 de novembro de 2024
João Pedro Adrega

A aula muito boa!

Na aula passada, trabalhámos os instrumentos de sala de aula, os instrumentos *Orff*, mas como ainda havia mais conteúdos para lecionar, não houve tempo para tocar os instrumentos. Para hoje, então, pensei em recordar os conhecimentos assimilados na aula anterior e passar à prática, verdadeiramente.

Depois de escrevermos o sumário e verificar as faltas de material, iniciámos a aula com algumas questões de resposta rápida (geradas no momento) para revisão dos conteúdos acerca dos instrumentos e das suas famílias e sobre as alturas definidas e indefinidas. Coloquei as questões à turma e pedi que colocassem o dedo no ar se soubessem a resposta. Praticamente toda a turma colocou o dedo no ar. Responderam os alunos que colocaram o dedo no ar, em primeiro lugar, em cada questão. Estes responderam corretamente a todas as questões, o que confirma que consegui transmitir os conteúdos na aula anterior.

De seguida, então, tocámos com os instrumentos *Orff*. Recorri á canção ensinada/aprendida na aula anterior, “Adivinha o que eu pedi” (Tito Santos) para servir de base para um arranjo que iríamos criar no momento. Como perspectivado trabalhar a criação/experimentação, mais do que trazer um arranjo em partitura para os alunos interpretarem, interessava-me levar a prática de criação no momento. Hoje, por ser a primeira vez, distribuímos os instrumentos e fui eu que sugeri o quê que cada um poderia fazer. Para os alunos, acabou mais por ser um exercício de reprodução rítmica do que propriamente experimentação/criação própria deles como eu desejo tentar implementar durante este ano de estágio. Tomei esta decisão por achar que a turma, antes de improvisar ou criar, precisa que lhes transmitam ferramentas para o fazer...

Devo confessar que foi uma grande ideia, um belo momento musical, com muita qualidade. Os alunos estiveram muito bem e o resultado foi muito bom. É uma atividade/estratégia a repetir em mais ocasiões daqui para a frente. Há alunos que interpretaram as ideias que me foram surgindo no momento de forma muito precisa, nomeadamente: A, G, M, MT, SA, S. Dá para perceber a musicalidade que toda a turma, mas estes alunos em particular, transportam consigo. Ou me engano muito, ou serão alunos de excelência durante este ano letivo na disciplina de Educação Musical. É, também, de destacar a postura da turma, sempre bem-disposta, descontraída e bastante motivada para fazer a atividade proposta. Vivi e proporcionei, hoje, o ambiente que imagino para a Educação Musical. Que o consiga prolongar...

Ainda houve tempo para cantarmos a próxima canção de Natal: “Jingle Bells (roupa não é prenda)”. Esta melodia é bastante conhecida, portanto foi só atentar à letra, que até arrancou umas gargalhadas a alguns alunos. Foi uma ótima forma de terminar aula.

ANEXO 4: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 12.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 12

Unidade 2

		Turma: 5.º ano	Lição: 34	Data: 28 - 01 - 2025
Sumário	As intensidades: pianíssimo, fortíssimo, crescendo e diminuendo. Interpretação vocal e na flauta da canção "Believer", dos Imagine Dragons. Exploração rítmica da canção com instrumentos Orff.			
Conceitos /Conteúdos	Intensidades, pianíssimo, piano, mezzo forte, forte, fortíssimo, crescendo, diminuendo, flauta de bisel, figuras rítmicas, colcheia, timbre, altura, melodia, ritmo, pauta, partitura, estrutura formal.			
Dominios /Aprendizagens	<p>Experimentação e criação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e com técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas. • Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais tecnológicos e software). <p>Interpretação e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal. • Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrônicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais. 			
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e compreender as intensidades. • Interpretar, vocalmente e na flauta, a canção "Believer"; • Explorar ritmicamente a canção "Believer" com instrumentos Orff de altura indefinida através da reprodução de padrões rítmicos; • Desenvolver aptidões de criação/experimentação musical. 			
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p.36 e 37); • Flauta de bisel; • Instrumentos Orff; • Computador e colunas; • Tela e projetor; • Guitarra/ Teclado; • Partitura e play along/ instrumental/faixa mp3 da canção "Believer"; • Quadro e caneta; 			
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção do sumário e verificação das faltas de material; • Revisão das intensidades já estudadas: piano, mezzo forte, forte; • Exemplificação, identificação e análise de diferentes exemplos de intensidades (pianíssimo, fortíssimo, crescendo, diminuendo) tocados no teclado; • Leitura da página 36 do manual; • Ensaio e interpretação da canção "Believer" na flauta de bisel e vocalmente (Anexo A); • Leitura da nota informativa acerca dos Imagine Dragons; • Exploração rítmica da canção "Believer" através da reprodução de diversos padrões rítmicos interpretados pelo professor com instrumentos Orff; • Proporcionar que também os alunos criem, à vez, um padrão rítmico na dinâmica de exploração rítmica; • Reflexão/Diálogo com os alunos acerca da aula. 			
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Diálogo/ reflexão com os alunos - qualidade e rigor das intervenções orais; • Compreensão das intensidades através da identificação de exemplos; • Qualidade do ensaio e interpretação da canção "Believer" na flauta de bisel e vocalmente; • Qualidade e autonomia na criação de um padrão rítmico para a canção "Believer". 			
Referências	Araújo, J. & Santos, T. (2024). Play 5.º ano Educação Musical. Porto Editora.			

PLANIFICAÇÃO DE AULA 12

Unidade 2

ANEXOS

ANEXO A - Partitura e play-along da canção "Believer"

<https://app.escolavirtual.pt/reader/index.html>

Believer

Imagine Dragons, Mattman & Robin e Justin Tranter

INTRO (el) A B B A B B

Musical notation for the instrumental introduction of the song "Believer". It consists of two staves in 4/4 time. The first staff is the treble clef and the second is the bass clef. The melody starts with a quarter note G4, followed by a quarter note A4, a quarter note B4, and a quarter rest. The second measure contains a quarter note C5, a quarter note B4, a quarter note A4, and a quarter note G4. The piece ends with a double bar line.

Musical notation for the vocal line of the song "Believer". It consists of two staves in 4/4 time. The first staff is the treble clef and the second is the bass clef. The melody starts with a quarter rest, followed by a quarter note G4, a quarter note A4, a quarter note B4, and a quarter note C5. The lyrics "Pain! You made me a, you made me a Be -" are written below the notes. The second measure contains a quarter note B4, a quarter note A4, a quarter note G4, and a quarter note F4. The lyrics "lie - ver Be - lie - ver" are written below the notes. The piece ends with a double bar line.

Reflexão n.º 12
28 de janeiro de 2025
João Pedro Adrega

Correu tudo bem!

A aula de hoje correu bastante bem!

Para contextualizar, esta foi a primeira aula após a apresentação do primeiro relatório de progresso (ontem). Este relatório e apresentação, apesar de constarem da avaliação de outra unidade curricular, estão diretamente relacionadas com a Prática de Ensino Supervisionada. Assim, neste momento, fruto da criação de uma estrutura de relatório, ainda que provisória e passível de adaptações e alterações, já me é possível planificar cada aula em função de um objetivo mais concreto, nomeadamente perspetivando um produto final. Eu já tinha determinado e já escrevi em reflexões anteriores sobre a necessidade de implementar mais atividades sobre o domínio criação/experimentação. Contudo, ainda estava tudo muito em aberto. Até que surgiu a ideia/proposta atual: **E se a Música fosse um puzzle?**

Esta proposta ainda carece de fundamentação e pode mudar, mas, neste momento, é uma analogia que me faz sentido. Um puzzle é conjunto de peças. A Música, na verdade, também é. A grande diferença é que na Música, cada “peça” tem múltiplas possibilidades de encaixe consoante o nosso gosto.

Penso que esta ideia pode ajudar os alunos a descomplicar o pensamento sobre a composição musical.

A aula de hoje é a porta de entrada para este projeto de criação. Não deixando de lado a planificação do manual que a professora me pediu para seguir, aproveitei o conteúdo previsto para hoje para iniciar a abordagem à prática de criação/experimentação musical.

Antes disso, comecei por lecionar as intensidades. Penso que se trata de um conteúdo de compreensão relativamente fácil e verificou-se isso mesmo. Tinha pedido aos alunos, na última aula antes da preparação dos espetáculos, que na aula de hoje apresentassem um exemplo de um som piano e de um som forte. Pelo meio, lembrei que existe o mezzo forte (meio forte). O som piano, quase sempre, foi levado para o pianíssimo, mas penso que todos conseguiram compreender. Completei este conteúdo com a abordagem ao crescendo e diminuendo. Fizemos exercícios de identificação das intensidades com excertos que toquei no teclado e os alunos foram respondendo corretamente.

Passámos, então, ao ensino/aprendizagem da peça de hoje: a canção “Believer” dos Imagine Dragons, um tema pop que todos conheciam. Começámos por ler a nota do manual relativa à banda. Depois, analisámos a forma, lemos a partitura e, finalmente, tocámos na flauta

de bisel e cantámos o refrão. Ao contrário da peça anterior, “Rastafari”, o ensaio desta decorreu a um ritmo muito mais rápido, fruto da peça ser conhecida. Bastaram duas reproduções do play-along para interpretarmos a canção com qualidade.

De seguida, então, aproveitei esta canção para introduzir a criação musical. Como é preciso “dar antes de receber”, a minha ideia, em primeiro lugar foi fazer um exercício de reprodução rítmica com instrumentos Orff de altura indefinida. Distribuí pandeiretas, clavas e blocos de dois sons pelos alunos e eu, no timbale, toquei diversos padrões rítmicos que os alunos reproduziram com bastante rigor, mesmo contendo figuras musicais não abordadas e de maior complexidade. Dando o exemplo, a proposta seguinte era que os próprios alunos criassem um padrão rítmico para a estrofe da canção, no refrão continuávamos a cantar. Infelizmente, já não houve tempo para iniciar este exercício, mas ficará para a próxima aula. Neste sentido, pedi aos alunos para voltarem a ouvir a canção em casa e criarem o seu padrão rítmico para apresentarem na próxima aula. É uma estratégia um pouco diferente do que tinha previsto, uma vez que a ideia original era tocar no momento, de improviso. Agora, terão tempo para pensar e criar o padrão rítmico. Aguardo, com expectativa, o resultado.

Concluindo, mesmo sabendo que não trabalharei a experimentação/criação em todas as aulas, termino este dia com a convicção de que encontrei um caminho com boas perspectivas futuras.

ANEXO 5: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 13.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 13	
Unidade 2	
	Turma: 5.º ano Lição: 35 Data: 30 - 01 - 2025
Sumário	Interpretação canção "Believer" (revisão). Apresentação e interpretação dos padrões rítmicos criados para a canção com instrumentos Orff. Realização de exercícios do caderno de atividades.
Conceitos /Conteúdos	Padrão rítmico, intensidades, andamentos, flauta de bisel, figuras rítmicas, timbre, altura, melodia, ritmo, pauta, partitura, estrutura formal.
Domínios /Aprendizagens	<p>Experimentação e criação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e com técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas. • Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais tecnológicos e software). <p>Interpretação e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal. • Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrônicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados; • Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais.
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar, vocalmente e na flauta, a canção "Believer" - revisão (Anexo A); • Explorar ritmicamente a canção "Believer" com instrumentos Orff de altura indefinida através da criação e apresentação de padrões rítmicos à turma; • Desenvolver aptidões de criação/experimentação musical. • Identificar auditivamente os andamentos e as intensidades - consolidação (Anexo B). • Rever e consolidar os conteúdos lecionados nas últimas aulas (Anexo B).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (p.37); • Flauta de bisel; • Instrumentos Orff; • Computador e colunas; • Tela e projetor; • Guitarra/ Teclado; • Partitura e play along/ instrumental/faixa mp3 da canção "Believer"; • Caderno de Atividades (p.13 e 14); • Quadro e caneta.
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção do sumário e verificação das faltas de material; • Interpretação da canção "Believer" na flauta de bisel e vocalmente (Anexo A); • Apresentação dos padrões rítmicos criados em casa pelos alunos para a canção "Believer", com instrumentos Orff; • Realização dos exercícios do caderno de atividades (Anexo B); • Reflexão/Diálogo com os alunos acerca da aula.
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Diálogo/ reflexão com os alunos - qualidade e rigor das intervenções orais; • Qualidade da interpretação da canção "Believer" na flauta de bisel e vocalmente; • Qualidade e autonomia na criação, apresentação e reprodução de um padrão rítmico para a canção "Believer"; • Qualidade e rigor nas respostas aos exercícios do caderno de atividades.
Referências	Araújo, J. & Santos, T. (2024). Play 5.º ano Educação Musical. Porto Editora.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 13

Unidade 2

ANEXOS

ANEXO A - Partitura e play-along da canção "Believer"

<https://app.escolavirtual.pt/reader/index.html>

Believer

Imagine Dragons, Mattman & Robin e Justin Tranter

INTRO (v) A B B A B B

Musical notation for the instrumental introduction of the song "Believer". It consists of two staves in 4/4 time. The first staff is the treble clef and the second is the bass clef. The melody starts with a quarter note G4, followed by a quarter note A4, a quarter note B4, and a quarter rest. The bass line starts with a quarter note G2, followed by a quarter note A2, a quarter note B2, and a quarter rest. The piece ends with a double bar line and repeat dots.

Musical notation for the vocal line of the song "Believer". It consists of two staves in 4/4 time. The first staff is the treble clef and the second is the bass clef. The melody starts with a quarter rest, followed by a quarter note G4, a quarter note A4, a quarter note B4, and a quarter note C5. The bass line starts with a quarter rest, followed by a quarter note G2, a quarter note A2, a quarter note B2, and a quarter note C3. The lyrics are: "Pain! You made me a, you made me a Be - lie - ver Be - lie - ver". The first two notes of the melody are marked with a forte (*f*) dynamic.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 13

Unidade 2

ANEXO B - Exercícios do Caderno de Atividades

8. Ouve os excertos musicais. Depois, identifica se o seu andamento é lento, moderado ou rápido ou se existe um *accelerando* ou um *ritardando*. Atividade P.31

	Lento	Moderado	Rápido	Accelerando	Ritardando
Excerto 1					
Excerto 2					
Excerto 3					
Excerto 4					
Excerto 5					

9. Desenha a colcheia sozinha e as colcheias juntas seguindo os esquemas e, de seguida, completa-os até ao final de cada linha. Atividade P.31



10. Completa o esquema desenhando e escrevendo o nome das figuras rítmicas correspondentes.

Mínima

11. Ouve os excertos e completa. Atividade P.31



12. Completa a partitura do tema "Rastafári". Atividade P.31

13. Ouve os excertos musicais. Assinala qual a intensidade no início e no final de cada um deles. Indica, também, se ouviste um *crescendo* ou um *diminuendo* durante audição. Se não ouviste, deixa em branco. Atividade P.31

	Início		Desenvolvimento		Final	
Excerto 1	<input type="checkbox"/> <i>pp</i>	<input type="checkbox"/> <i>ff</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <i>pp</i>	<input type="checkbox"/> <i>ff</i>
Excerto 2	<input type="checkbox"/> <i>pp</i>	<input type="checkbox"/> <i>ff</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <i>pp</i>	<input type="checkbox"/> <i>ff</i>
Excerto 3	<input type="checkbox"/> <i>pp</i>	<input type="checkbox"/> <i>ff</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <i>pp</i>	<input type="checkbox"/> <i>ff</i>
Excerto 4	<input type="checkbox"/> <i>pp</i>	<input type="checkbox"/> <i>ff</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> <i>pp</i>	<input type="checkbox"/> <i>ff</i>

Reflexão n.º 13
30 de janeiro de 2025
João Pedro Adrega

E

xpectativas correspondidas.

Hoje, saio da aula muito feliz. Que belo dia!

Na última terça-feira, tinha a ideia de realizar uma atividade de criação/experimentação que consistia na interpretação de um padrão musical que encaixasse no play-along da peça “Believer”. A atividade ficou pendente, apenas havendo tempo para eu improvisar e os alunos reproduzirem. Pedi, então, que os alunos pensassem e criassem o seu padrão musical para o apresentarem hoje à turma.

Antes disso, e não antes de escreverem o sumário, optei por iniciar a aula com a interpretação da peça na flauta de bisel, revendo a partitura do manual. Interpretámos a peça duas vezes.

De seguida, avançámos, então, para a atividade de criação/experimentação. Distribuí os instrumentos Orff e o timbale ficou reservado para quem fosse apresentar o seu padrão. Perguntei quem fez e foram muitos os alunos que puseram o dedo no ar. Não foram todos, infelizmente. A atividade acabou por ter duas modalidades. A primeira, protagonizada pelos alunos que pensaram no padrão em casa e o apresentaram (exercício de criação). A segunda, para os alunos que, mesmo não tendo feito o trabalho de casa, conseguissem fazer a atividade na hora, como exercício de improvisação. Logicamente, dei a entender a importância de fazer e apresentar as atividades solicitadas aos alunos que não fizeram o trabalho, explicando-lhes que podem ter consequências desnecessárias na classificação. Ainda assim, era importante não os deixar de parte. E os resultados foram surpreendentes.

Começando pelos alunos que pensaram na tarefa em casa, devo confessar que muitos acabaram por reproduzir um padrão igual ou semelhante ao ostinato original. Contudo, considero natural, uma vez que ainda estamos no início do trabalho sobre a criação/experimentação musical. Destaque, ainda assim, para as apresentações dos alunos A, MT, L, R e S. Relativamente aos alunos que não fizeram o trabalho em casa, mas quiseram improvisar no momento, o meu destaque vai para o aluno TA. Este é um aluno que tem muitas dificuldades na disciplina, acima de tudo porque se desinteressa muito rápido. Tem muita dificuldade a tocar flauta, é dos poucos que não canta, e ao nível do domínio da apropriação/reflexão apresenta, também, muitas dificuldades, tendo obtido apenas 14% na ficha de avaliação do 1.º período. No entanto, hoje surpreendeu-me. Não pela elaboração do trabalho de casa, porque já esperava que não fizesse, mas pela qualidade demonstrada a criar o padrão musical no momento.

Esta turma é muito boa, tem um potencial enorme. É pena que nem todos sejam consistentes e consigam demonstrar a qualidade que têm com regularidade.

Por fim, ainda houve tempo para a realização de exercícios do caderno de atividades acerca dos últimos conteúdos lecionados.

ANEXO 6: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 21.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 21

Unidade 3

	Turma: 5.º ano	Lição: 43	Data: 27 - 02 - 2025
Sumário	Ensaio e interpretação da peça “Casa” vocalmente e na flauta de bisel. A escala pentatónica de dó: conceito e dinâmica de improvisação;		
Conceitos /Conteúdos	Escala pentatónica, improvisação, cante alentejano, flauta de bisel, estrutura formal, intensidades, andamentos, figuras rítmicas, timbre, altura, melodia, ritmo, pauta.		
Domínios /Aprendizagens	<p>Experimentação e criação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas. <p>Interpretação e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal; • Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados; • Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais. • Comparar criticamente estilos e géneros musicais, tendo em conta os enquadramentos socioculturais do passado e do presente; • Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer e dar significado ao mundo, relacionando-a com o seu dia a dia, e os seus mundos pessoais e sociais. 		
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a cantar e tocar na flauta de bisel a peça “Casa”; • Compreender a escala pentatónica de dó como uma série de cinco notas ordenadas; • Compreender o conceito de improvisação; • Improvisar sobre a escala pentatónica de dó. 		
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (pp.52-53); • Flauta de bisel; • Partitura e play-along da peça “Casa”; • Play-along escala pentatónica de dó; • Instrumentos de lâmina; • Computador e colunas; • Tela e projetor; • Guitarra/ Teclado; • Quadro e caneta. 		
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção do sumário e verificação das faltas de material; • Avaliação de flauta dos alunos que faltaram na aula anterior - interpretação individual da peça “Carla Bley dos Bigodes de Neve”; • Leitura da informação do manual sobre os D.A.M.A.; • Ensino/Aprendizagem da peça “Casa” vocalmente e na flauta de bisel (Anexo A); • Análise da partitura: estrutura formal, leitura rítmica/melódica; • Ensaio/Interpretação da peça “Casa” vocalmente e na flauta de bisel; • As notas da escala pentatónica; • Dinâmica de improvisação sobre a escala pentatónica com recurso a instrumentos de lâminas (Anexo B); • Exemplificação do professor/a; • Espaço para os alunos improvisarem individualmente; • Reflexão/Diálogo com os alunos acerca da aula. 		
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Avaliação de flauta - grelha de registo; • Diálogo/ reflexão com os alunos - qualidade e rigor das intervenções orais; • Qualidade da participação na exploração, apropriação e reflexão dos conteúdos abordados; • Qualidade e rigor da interpretação da peça “Casa” na flauta de bisel e vocalmente; • Compreensão da escala pentatónica; • Qualidade e rigor da participação dos alunos na dinâmica de improvisação sobre a escala 		

PLANIFICAÇÃO DE AULA 21

Unidade 3

ANEXOS

ANEXO A - Partitura e play-along da peça “Casa”

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerquest/player/41696026/res>

Casa

D.A.M.A., Luís Patha e Meoli

INTRO A B A B A

Quan-tas pe-dras tra-go, eu no sa-pa-to
 Quan-tas vou ti-rar lo-go, à tar-di-nha
 A dar-te, um bei-jo A dar-te, um
 bei-jo, a-ni-nha-do, ao teu pei-to A dar-te, um
 bei-jo, a-ni-nha-do, ao teu pei-to, a des-can-sar

PLANIFICAÇÃO DE AULA 21

Unidade 3

ANEXO B - Play-along e dinâmica de improvisação sobre a escala pentatónica de dó

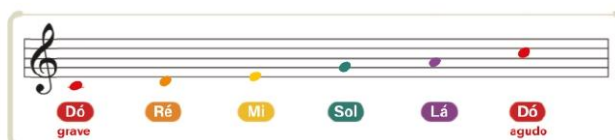
<https://app.escolavirtual.pt/reader/index.html?usertoken=MTM1NTk6MTptLmFkcmVnYUBnbWFpbC5jb206MjpbGllbnQ4ODQ6ODg0OjExNTUzODowOjE3NDA1NzU3MjQyMjI6ZXU6TFQ=&bookID=16241137&dictionaryId=lingua-portuguesa>

Experimentação e Criação

Interpretação e Comunicação

Apropriação e Reflexão

Se ordenarmos, de forma ascendente, as notas que tocaste na flauta no tema anterior, obtemos a seguinte sequência:



Estas cinco notas diferentes assim ordenadas têm o nome de **escala pentatónica**.

Esta escala é especial! Está presente em praticamente todos os costumes e culturas musicais e permite-nos criar melodias de forma espontânea. É por isso que é uma das preferidas dos músicos que improvisam. Vamos experimentar?

- 1 Retirar dos xilofones e dos jogos de sinos (os instrumentos com que vamos improvisar) as lâminas das notas **Fá** e **Si** pois não fazem parte da escala pentatónica que vamos usar.
- 2 Escutar o instrumental sobre o qual vamos improvisar, para nos ambientarmos ao contexto musical.
- 3 Agora, começa a ação! Mas... Vamos com calma. Escolhe uma nota da escala pentatónica. É com essa que vais iniciar o teu improviso.
- 4 De seguida, improvisa com duas notas e, depois, com três.
- 5 Ação total! Improvisa com as notas que a tua inspiração desejar.

Podes inspirar-te no vídeo que preparámos para ti.

REC

Escala pentatónica: Sequência ordenada de cinco notas musicais.

Improvisação: Criação de música em tempo real sem haver um registo escrito. A improvisação pode ser uma melodia ou apenas uma sequência de ritmos.



Reflexão n.º 21
27 de fevereiro de 2025
João Pedro Adrega

Uma aula para o projeto.

Uma boa aula, com certeza irá constar no relatório final.

Depois da projeção do sumário, começámos pelo momento de avaliação de flauta dos 3 alunos que faltaram na aula anterior, eis as classificações:

B: S

G: MB

S: MB

Após a avaliação de flauta, continuámos o ensino/aprendizagem da canção “Casa”. Voltámos a cantar, comigo à guitarra e, depois, seguimos com a parte de flauta. O facto de os alunos conhecerem a canção torna o processo de ensino/aprendizagem bem mais rápido e assertivo. Os alunos tocaram rapidamente a melodia de flauta. Depois de ensaiada, fizemos duas interpretações a tocar e cantar, mas, agora com o play-along.

O momento do dia estava reservado para mais tarde. O conteúdo que se segue no manual é a escala pentatónica de dó. O manual apresenta uma proposta de atividade de improvisação que eu quis muito implementar. Esta atividade consistia na retirada das notas fá e si (extra escala pentatónica) de um xilofone ou metalofone e possibilitar que, com um play-along base, os alunos improvisassem livremente. Tocassem o que tocassem estaria sempre correto e soaria bem. Para além de lhes dar a entender, através da prática, o que é a escala pentatónica, estou a prepara-los, simultaneamente, para a realização do projeto final que está a ser pensado e planeado paralelamente ao decorrer das aulas. Inicialmente, coloquei umas questões à turma sobre a escala pentatónica, do género: “O que é a escala pentatónica? Diz-vos alguma coisa?” Queria que eles pensassem mais, no entanto, com tudo bem explicado no manual, antes de eu pedir para não verem no livro, já havia alunos a ler a definição que lá está. Portanto, chegámos facilmente ao conceito de escala pentatónica e às notas que a constituem, no caso, dó, ré, mi, sol e lá.

Seguimos, então, com o momento de improvisação. Comecei por explicar a diferença entre improvisar e interpretar. Penso que todos perceberam facilmente o que distingue os dois conceitos. A atividade decorreu da seguinte forma: coloquei 3 metalofones soprano na primeira fila de mesas, retirando as notas fá e si. Em primeiro lugar, fui que improvisei para dar o exemplo. A turma gostou imenso e até aplaudiram, imagine-se! De seguida, começaram os alunos, 3 de cada vez, a vir aos metalofones improvisar. Não fizeram os 3 ao mesmo tempo para que todos

ouvissem o que cada um tocasse, mas o play-along facilmente se podia dividir em 3 partes, uma para cada aluno que estivesse no metalofone.

Não houve tempo para toda a gente, concluiremos na próxima aula, ainda assim, uma nota de destaque para os alunos A, AC, G, M, MG, L e MR que já demonstram maior conforto e qualidade neste tipo de práticas.

Gostei muito desta aula e espero, ansiosamente, pelas improvisações.

ANEXO 7: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 22.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 22

Unidade 3

	Turma: 5.º ano	Lição: 44	Data: 06 - 03 - 2025
Sumário	A escala pentatónica de dó: conceito e dinâmica de improvisação (continuação); A textura fina e a textura densa. Interpretação vocal e na flauta de bisel da peça "Casa". Resolução de exercícios do caderno de atividades.		
Conceitos /Conteúdos	Escala pentatónica, improvisação, cante alentejano, flauta de bisel, estrutura formal, intensidades, andamentos, figuras rítmicas, timbre, altura, melodia, ritmo, pauta.		
Domínios /Aprendizagens	<p>Experimentação e criação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas. <p>Interpretação e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal; • Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados; • Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais. • Comparar criticamente estilos e géneros musicais, tendo em conta os enquadramentos socioculturais do passado e do presente; • Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer e dar significado ao mundo, relacionando-a com o seu dia a dia, e os seus mundos pessoais e sociais. 		
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidar a escala pentatónica de dó como uma série de cinco notas ordenadas; • Compreender o conceito de improvisação; • Improvisar sobre a escala pentatónica de dó; • Identificar e compreender texturas finas e texturas densas; • Interpretar vocalmente e na flauta de bisel a peça "Casa"; • Consolidar as últimas aprendizagens através de exercícios do caderno de atividades. 		
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual (pp.51-53); • Caderno de atividades (pp.22-25); • Flauta de bisel; • Partitura e play-along da peça "Casa"; • Play-along escala pentatónica de dó; • Instrumentos de lâmina; • Computador e colunas; • Tela e projetor; • Guitarra/ Teclado; • Quadro e caneta. 		
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção do sumário e verificação das faltas de material; • A escala pentatónica de dó (consolidação); • Dinâmica de improvisação sobre a escala pentatónica com recurso a instrumentos de lâminas (Anexo A); • Exemplificação do professor/a; • Espaço para os alunos improvisarem individualmente; • A textura fina e textura densa: leitura das definições do manual e análise de excertos musicais; • Interpretação da peça "Casa" vocalmente e na flauta de bisel (Anexo B); • Resolução de exercícios do caderno de atividades (Anexo C); • Reflexão/Diálogo com os alunos acerca da aula. 		
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Diálogo/ reflexão com os alunos - qualidade e rigor das intervenções orais; • Qualidade da participação na exploração, apropriação e reflexão dos conteúdos abordados; • Qualidade e rigor da participação dos alunos na dinâmica de improvisação sobre a escala pentatónica de dó; 		

PLANIFICAÇÃO DE AULA 22

	<ul style="list-style-type: none">• Qualidade e rigor da interpretação da peça “Casa” na flauta de bisel e vocalmente;• Compreensão da escala pentatónica;• Qualidade e rigor das respostas aos exercícios do caderno de atividades.
Referências	Araújo, J. & Santos, T. (2024). Play 5.º ano Educação Musical. Porto Editora.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 22

Unidade 3

ANEXOS

ANEXO A - Play-along e dinâmica de improvisação sobre a escala pentatónica de dó

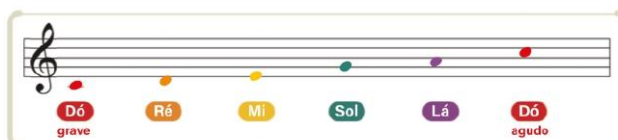
<https://app.escolavirtual.pt/reader/index.html?usertoken=MTM1NTk6MTptLmFkcmVnYUBnbWFPbC5jb206MjpbGllbnQ4ODQ6ODg0OjExNTUzODowOjE3NDA1NzU3MjQyMjI6ZXU6TFQ=&bookID=16241137&dictionaryId=lingua-portuguesa>

Experimentação e Criação

Interpretação e Comunicação

Apropriação e Reflexão

Se ordenarmos, de forma ascendente, as notas que tocaste na flauta no tema anterior, obtemos a seguinte sequência:



Estas cinco notas diferentes assim ordenadas têm o nome de **escala pentatónica**.

Esta escala é especial! Está presente em praticamente todos os costumes e culturas musicais e permite-nos criar melodias de forma espontânea. É por isso que é uma das preferidas dos músicos que improvisam. Vamos experimentar?

- 1 Retirar dos xilofones e dos jogos de sinos (os instrumentos com que vamos improvisar) as lâminas das notas **Fá** e **Si** pois não fazem parte da escala pentatónica que vamos usar.
- 2 Escutar o instrumental sobre o qual vamos improvisar, para nos ambientarmos ao contexto musical.
- 3 Agora, começa a ação! Mas... Vamos com calma. Escolhe uma nota da escala pentatónica. É com essa que vais iniciar o teu improviso.
- 4 De seguida, improvisa com duas notas e, depois, com três.
- 5 Ação total! Improvisar com as notas que a tua inspiração desejar.

Podes inspirar-te no vídeo que preparámos para ti.

REC

Escala pentatónica: Sequência ordenada de cinco notas musicais.

Improvisação: Criação de música em tempo real sem haver um registo escrito. A improvisação pode ser uma melodia ou apenas uma sequência de ritmos.



PLANIFICAÇÃO DE AULA 22

Unidade 3

ANEXO B - Partitura e play-along da peça “Casa”

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerquest/player/41696026/res>

Casa

D.A.M.A., Luís Palha e Meoli

INTRO A B A B A

Quantas pedras trago, eu não sabia to
 Quantas vou tirar logo à tardinha
 A dar-te um beijinho, A dar-te um

beijinho, joaninha, do teu peitinho, A dar-te um
 beijinho, joaninha, do teu peitinho, to a descançar

PLANIFICAÇÃO DE AULA 22

Unidade 3

ANEXO C - Exercícios do caderno de atividades

03

7. Completa a partitura do tema "O sino da minha aldeia".

8. Encontra as palavras que se seguem na sopa de letras.

acordeão bandolim catarholas concertina sanfona
 adufe berquínho canquínho rijo sarroca

R B D S A R R O N C A F S B
 A R C A V A L L I N H O A R
 J I S A N F O N A D R I R I
 Â N F O N A D F D F A Q R N
 O Q R F G D E Â U O D U Q Q
 W U A N H O L A F I Â S A U
 B E J A C O R D E Â O N G I
 A D F A R R O C A V A Q F N
 N I C A V A Q U I N H O E H
 D N D O L E M Q U I N H W O
 O H Q T G U C E V T A R D E
 L O M L C O N C E R T I N A
 I T R J Â O D U F E R R O N
 M C C A S T A N H O L A S A

9. Faz uma breve pesquisa acerca do canto alentejano e responde às seguintes questões.

a) Indica três temas sobre os quais se fale nas modas alentejanas (canções).

03

12. Ouve os excertos musicais e assinala qual deles possui uma textura fina e qual possui uma textura densa.

	Textura fina	Textura densa
Excerto 1	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Excerto 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

13. Completa a partitura da secção B do tema "Casa".

14. Completa as frases com as palavras em falta.

Uma obra musical em forma _____ é constituída por duas secções, A e B, terminando sempre na secção A.

A _____ consiste na sucessão de notas musical, tocadas ou cantadas uma de cada vez.

A _____ é a combinação de, pelo menos, dois sons tocados ou cantados de forma simultânea.

Um bordão consiste num ou mais sons _____ e contínuos que se ouvem ao longo de uma obra musical e que servem de acompanhamento a uma _____.

A textura é o resultado da combinação de _____ e harmonias numa obra musical, geralmente relacionado com a maior ou menor quantidade de utilizados.

A nota _____ escreve-se na primeira linha suplementar inferior da pauta musical.

A nota ré (grave) escreve-se no primeiro espaço _____ da pauta musical.

03

b) Em quantos napes se dividem as vozes?

c) Quais são os nomes dos napes?

d) Indica o título de três modas alentejanas (canções).

10. Completa as frases com as palavras em falta.

O canto alentejano, antigamente, acompanhava os _____ no campo, à tarde quando os homens se juntavam nos _____ ou quando a mãe _____.

Chã-se que o canto terá tido origem no canto _____ ou tem influência da música _____.

Uma moda alentejana tem uma introdução com um solista que canta uma estrofe. É o chamado _____. Depois, o _____ inicia a moda cantando o primeiro verso (ou parte dele) um pouco mais _____ em relação à voz do _____. As outras vozes entram logo de _____.

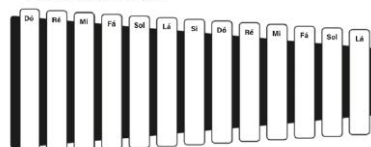
A UNESCO declarou o canto alentejano como Património _____ no dia _____.

Para além do canto alentejano, também o _____ foi distinguido pela UNESCO como _____ três anos antes.

11. Completa a partitura da secção A do tema "Não quero que vis à monda".

03

15. Risca as lâminas cujas notas não fazem parte da escala pentatónica presente no tema "Casa". Podes, também, pintar as lâminas das notas que fazem parte com as cores que lhes estão associadas, na página 53 do manual.



16. Completa a partitura da secção B do tema "O fogo do dragão".

17. Completa a partitura da secção A do tema "Sala da Carolina".

Reflexão n.º 22
6 de março de 2025
João Pedro Adrega

D

ar continuidade.

Depois de uma aula muito boa, a de hoje também não desiludiu.

O exercício de improvisação sobre a escala pentatónica de dó tinha corrido bem. Para hoje, era preciso dar continuidade e oportunidade aos alunos que não tiveram tempo para improvisar na última aula. Assim aconteceu.

Enquanto os alunos passavam o sumário, fui preparando a sala para retomar a atividade. Ao mesmo tempo ia fazendo questões, por exemplo, “alguém me recorda o que é a escala pentatónica?”, “lembram-se quais são as lâminas que tenho de retirar?”, “e a improvisação, o que é?”. Os alunos foram respondendo corretamente. Estando tudo pronto, iniciámos, então, a atividade. Gostei muito, igualmente, da prestação dos alunos de hoje, havendo também alguns que se destacaram: MT, SA, R, RD e S. Como referi na reflexão anterior, era impossível errar nesta atividade, uma vez que todas as notas estão dentro do campo harmónico do acompanhamento instrumental. Desta forma, quando registo o destaque destes e os outros alunos na aula anterior é, não só pelo que tocaram, mas pelo à vontade e postura que demonstraram perante o desafio de improvisar. O gosto dos alunos por esta atividade traduziu-se numa proposta inesperada do aluno R, perguntando-me se podiam criar um padrão musical na flauta com as notas da escala pentatónica. Bela ideia! Mas não agradou a toda a gente, principalmente ao TA e ao RD (trabalhos de casa não tem sido com eles). Ainda assim, ideia aprovada! Veremos se resultará na próxima aula.

Finalizado o exercício, avançamos na matéria, no manual. Para hoje, coube-me demonstrar e explicar a diferença entre textura fina e textura densa. Ouvimos alguns excertos e a turma conseguiu identificar e compreender a diferença.

Depois, voltámos à flauta para interpretar a última peça que ensinei/aprenderam: “Casa”. Esta é daquelas canções que, na eventualidade de uma aula não estar a correr como o desejado, pode sempre inverter o ambiente, motivando os alunos. Mais uma vez, gostaram muito de interpretar esta canção e fizeram-no com bastante qualidade.

O tempo que sobrou da aula, como já tem sido habitual, serviu para a continuação da realização dos exercícios do caderno de atividades.

ANEXO 8: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 32.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 32

Unidade 4

	Turma: 5.º ano	Lição: 54	Data: 28 - 04 - 2025
Sumário	Introdução à unidade 4 - O Pop Rock Português. Ensaio e interpretação vocal e na flauta de bisel da peça "Para ti, Maria". A pausa de colcheia e o contratempo. Criação, registo em partitura gráfica e interpretação de um arranjo rítmico através da percussão corporal para a peça "Para ti, Maria".		
Conceitos /Conteúdos	Pop Rock Português, pausa de colcheia, contratempo, ostinato, forma, interlúdio, partitura gráfica, notação não convencional, improvisação, criação e experimentação.		
Domínios /Aprendizagens	<p>Experimentação e criação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas; • Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e software); • Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo. <p>Interpretação e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vezes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal; • Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. • Interpretar, através do movimento corporal, contextos musicais contrastantes. • Mobilizar sequências de movimentos corporais em contextos musicais diferenciados. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais. • Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer e dar significado ao mundo, relacionando-a com o seu dia a dia, e os seus mundos pessoais e sociais. 		
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as características musicais e sociais do Pop Rock Português; • Interpretar a peça "Para ti, Maria" vocalmente e na flauta de bisel; • Compreender e identificar a pausa de colcheia; • Compreender e identificar auditivamente um contratempo; • Criar, registar em partitura gráfica e interpretar um arranjo rítmico através da percussão corporal para a peça "Para ti, Maria". 		
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Flauta de bisel; • Manual (pp.64-65); • Partitura e play-along da peça "Para ti, Maria"; • Computador e colunas; • Tela e projetor; • Guitarra/ Teclado; • Quadro e caneta. 		
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção do sumário e verificação das faltas de material; • Leitura da informação do manual sobre os Xutos & Pontapés; • Ensino/Aprendizagem da peça "Para ti, Maria" - interpretação vocal e na flauta de bisel: análise formal da partitura e leitura rítmica (Anexo A); • A pausa de colcheia: o desenho da figura e leitura rítmica de alguns exemplos escritos no quadro; • Explicitação da relação entre a pausa de colcheia e o contratempo: abordagem do professor, identificação do contratempo na peça "Para ti, Maria", leitura da explicação do manual; • Criação, registo em partitura gráfica e interpretação de um arranjo rítmico através da percussão corporal para a peça "Para ti, Maria"; • Organização e registo dos grupos para o trabalho de criação/experimentação musical (revisão dos grupos de trabalho). • Reflexão/Diálogo com os alunos acerca da aula. 		

PLANIFICAÇÃO DE AULA 32

Avaliação	<ul style="list-style-type: none">• Observação direta;• Qualidade da interpretação vocal e na flauta da peça “Para ti, Maria”;• Identificação da pausa de colcheia e do seu valor;• Compreensão da relação entre a pausa de colcheia e o contratempo;• Momento da criação do arranjo rítmico, através de percussão corporal, sobre a peça “Para ti, Maria”: registo da partitura gráfica resultante e qualidade da interpretação do arranjo.
Referências	Araújo, J. & Santos, T. (2024). <i>Play 5.º ano Educação Musical</i> . Porto Editora.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 32

Unidade 4

ANEXOS

ANEXO A - Partitura e play-along da peça “Para ti, Maria”

<https://app.escolavirtual.pt/lms/playerquest/player/28507332/res>

Para ti, Maria

Xutos & Pontapés

INTRO (8) A B C A B C C

E saio a-go-ra e vou cor-ren-do E vou-me-em-bo-ra e vou cor-ren-do

Já não de-mo-ro e vou cor-ren-do pra ti Ma-ri-a Ma-ri-a

Reflexão n.º 32
29 de abril de 2025
João Pedro Adrega

Importante.

Boa aula, importante para o projeto. Antes disso, contudo, voltaram a acontecer os já tradicionais atrasos. Hoje, a justificação até é razoável, o aluno D aleijou-se a jogar futebol no intervalo. O sumário foi outro problema. Os alunos queixaram-se que era muito grande e demoraram muito tempo. Ainda que não tenha escrito muitas vezes sobre isto, a questão dos sumários tem sido uma constante ao longo ano, os alunos demoram sempre muito tempo.

Sem grandes demoras, iniciei o processo de ensino/aprendizagem da peça “Para ti, Maria” dos Xutos e Pontapés. Normalmente, peço a um aluno para ler a nota do manual sobre a banda. No entanto, para ser mais rápido, hoje fui eu que falei sinteticamente sobre a banda. Alguns conheciam, muito poucos. Mas todos conheciam músicas icónicas como, por exemplo, “A minha casinha”, não a associavam à banda. Com a apresentação que fiz sobre a banda, os alunos demonstraram bastante interesse e fizeram muitas perguntas. Confesso que não estava à espera de utilizar tanto tempo da aula a falar sobre a banda. Há situações que não controlamos totalmente e temos de saber dar a volta no momento.

Iniciámos, finalmente, o estudo da partitura. Foi bom perceber que praticamente não há erros a registar no que toca às questões que faço de análise da partitura e da forma. Depois da leitura rítmica e melódica, a passagem para a flauta foi mais complicada. A música é rápida e os alunos tiveram dificuldade em acompanhar. Praticámos, isoladamente, os compassos mais complicados e interpretámos, finalmente, a peça com o play-along. Interpretámos duas vezes, a segunda correu bastante melhor. Não tendo sido perfeito, precisava do restante tempo da aula para avançar com um exercício de preparação para o projeto de experimentação/criação.

Fizemos um arranjo rítmico, através de percussão corporal, para a peça que tínhamos acabado de tocar: “Para ti, Maria”. Como lecionei o ostinato na aula anterior, achei por bem associar os conteúdos e utilizá-los nesta atividade. A ideia passava, então, por criar um ostinato em percussão corporal para cada parte da canção: introdução, parte A, parte B e parte C. Depois, registar-se-iam as ideias em partitura gráfica (notação não convencional), no quadro.

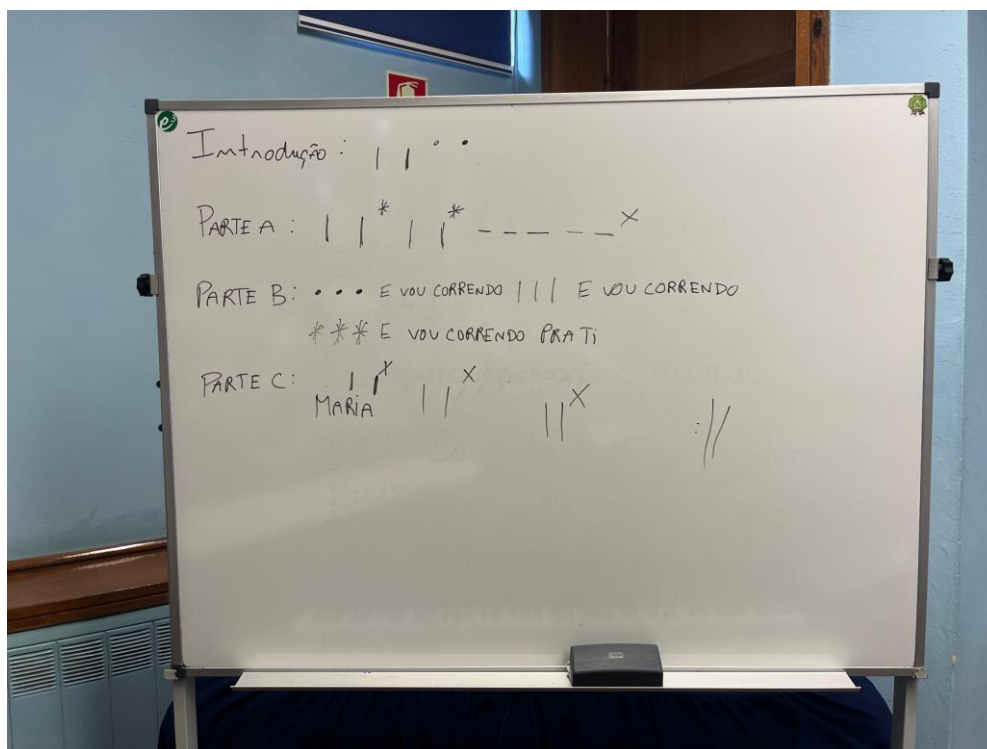
O início foi prometededor e os resultados foram interessantes. Registei ideias como bater os pés no chão, bater palmas, bater na mesa, estalar os dedos e bater nas pernas. Também cantámos um excerto da canção. Com a aproximação da hora do fim da aula também o processo do exercício teve que acelerar. Porque interessava tentar interpretar a peça completa, fruto de alguma

pressa, os padrões criados para a última parte ficaram muito idênticos aos anteriores. Chegámos a conseguir interpretar a peça uma vez, mas já depois do toque de saída. Não foi, de todo, o melhor “take”, inclusive para mim porque me enganei muitas vezes a interpretar a notação. Esta partitura resulta, totalmente, das ideias e intervenções dos alunos. Nota-se alguma evolução no que diz respeito ao aumento da complexidade da própria interpretação. Ainda assim, tenho que lhes mostrar mais exemplos de partituras gráficas para que eles também possam ser um pouco mais ousados na tomada de decisão sobre a partitura gráfica. Para além da qualidade da interpretação, também me interessa que a partitura seja esteticamente interessante, o que lhe acrescentará mais valor.

Já não tive tempo de abordar a colcheia e o contratempo como tinha planificado, fica para a próxima aula.

Em conclusão, esta aula foi importante para perceber que os alunos começam a ganhar algum à vontade relativamente ao assunto “partitura gráfica” e o processo de criação/experimentação foi relativamente fluído. Prevejo e pretendo fazer mais uma ou outra experiência para que os alunos ganhem ferramentas para fazerem o trabalho final.

Registo em fotografia da partitura gráfica criada para a peça “Para ti, Maria”



ANEXO 9: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 36.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 36

Unidade 5

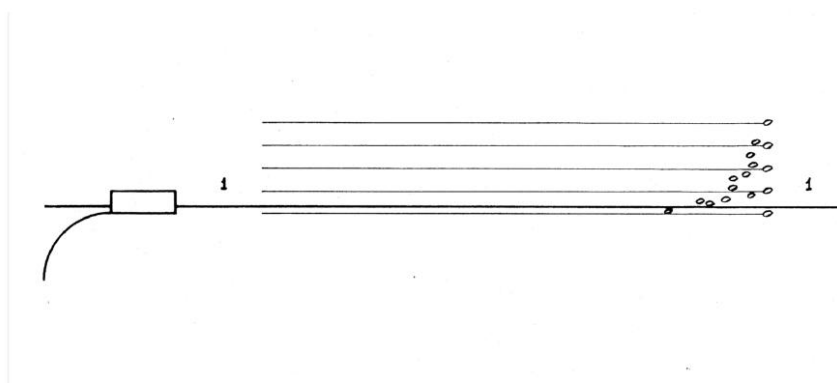
	Turma: 5.º ano	Lição: 57	Data: 20 - 05 - 2025
Sumário	Continuação do trabalho de grupo iniciado na última aula.		
Conceitos /Conteúdos	Orquestra, família das cordas, mistura tímbrica, combinação tímbrica, coda, ostinato, forma, interlúdio, partitura gráfica, notação não convencional, improvisação, criação e experimentação.		
Domínios /Aprendizagens	<p>Experimentação e criação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas; • Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e software); • Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo. <p>Interpretação e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal; • Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais. • Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer e dar significado ao mundo, relacionando-a com o seu dia a dia, e os seus mundos pessoais e sociais. 		
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Rever e consolidar os conteúdos abordados na última aula: Orquestra, família das cordas, mistura tímbrica e combinação tímbrica; • Interpretar a uma partitura gráfica trabalhada desde a última aula. 		
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Flauta de bisel; • Instrumentos da sala de aula; • Partitura gráfica distribuída pelo professor; • Computador e colunas; • Tela e projetor; • Guitarra/ Teclado; • Quadro e caneta. 		
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção do sumário e verificação das faltas de material; • Diálogo inicial com os alunos com colocação de questões em jeito de revisão e consolidação dos conteúdos abordados na última aula: Orquestra, família das cordas, mistura tímbrica e combinação tímbrica; • Interpretação de uma partitura gráfica distribuída pelo professor: trabalho em grupo e apresentação à turma - Continuação (Anexo A); • Reflexão/Diálogo com os alunos acerca da aula. 		
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Compreensão das características e composição da orquestra; • Identificação dos instrumentos da orquestra e compreensão da divisão pelas respetivas famílias; • Qualidade do processo de trabalho e interpretação da partitura gráfica; 		
Referências	Partitura Gráfica retirada de: Cardew, C. (s.d.). <i>Treatise</i> . The Gallery Upstairs Press.		

PLANIFICAÇÃO DE AULA 36

Unidade 5

ANEXOS

ANEXO A - Partitura gráfica para a atividade de interpretação



Reflexão n.º 36
20 de maio de 2025
João Pedro Adrega

Em processo.

Aula de continuidade, apresentação e registo dos primeiros resultados.

Agradeço à professora cooperante por me ter disponibilizado e permitido que a aula, na sua totalidade, fosse dedicada à continuação da realização do meu projeto “E se a Música fosse um puzzle?”. Sem dúvida, foi fundamental para que os grupos conseguissem terminar e apresentar os resultados da primeira tarefa que lhes solicitei, a interpretação de uma partitura gráfica que lhes tinha distribuído.

Há um pormenor que se tornou bastante pertinente para contextualização inicial deste dia. No final da última aula, os alunos perguntaram-me se deviam devolver-me a partitura, no sentido de a guardar e voltar a distribuir hoje. Eu respondi-lhes que poderiam e deveriam guardar e levar para casa para que, em tempo extra aula, pudessem continuar o trabalho de modo a que a aula de hoje fosse mais fluída no que toca à tomada de decisões e ensaio da interpretação. Lembro-me de a professora cooperante ter ficado reticente acerca desta possibilidade, perspetivando que dificilmente trabalhariam no projeto e poderiam perder ou esquecer de trazer a partitura. Eu disse-lhe que ia confiar na responsabilidade dos grupos. Fiquei, pois, bastante agradado com o que verifiquei. Todos os grupos tinham as folhas e espreitei umas anotações que não estavam escritas na última aula. Não vi ao pormenor o que estava escrito, mas percebia-se que haviam registos novos, levando-me a crer que, ainda que não na totalidade dos grupos, terá mesmo havido algum trabalho extra aula. A verdade é que, após a organização da sala e a permissão para o início dos trabalhos, os grupos não perderam muito tempo a pensar e a analisar a partitura, pareceu-me que esse trabalho estava concluído. Era altura de testar a criação com os instrumentos e preparar a performance. Ficou algum barulho, é natural. Ainda assim, reparei que os alunos tentaram respeitar da melhor forma os tempos de ensaio de cada grupo, evitando, na medida do possível, a sobreposição de interpretações. Os grupos tiveram 40 minutos para concluir o trabalho. Os restantes 20 minutos destinaram-se, portanto, à apresentação das novas obras.

Devo confessar e salientar que fiquei muito satisfeito com o resultado desta primeira fase do projeto. As performances foram muito boas, com muita qualidade. Ao fim de cada apresentação, questionei os grupos acerca das suas decisões e foi uma boa forma de os fazer refletir sobre o processo de criação/experimentação. Ficam alguns apontamentos:

Grupo 1:

Destacam-se as notas do acorde de dó maior interpretadas pelo metalofone e bandolim tendo resposta do reco-reco. Na origem do processo estão as linhas da partitura que representaram a criação de um padrão musical que culminou uma secção final e diferente, obedecendo, também ao desenho da partitura. No caso, coube ao metalofone encerrar com a escala de dó maior (ascendente).

Grupo 2: Resultado muito interessante, fazendo lembrar a sonoridade do contemporâneo e do século XX. Na génese desta criação esteve a intenção de ter o clarinete a protagonizar a obra com notas dispersas. O metalofone e a percussão de altura indefinida entram mais tarde, trazendo movimento e contexto rítmico. O clarinete permanece vivo e, de certa forma, atrevido.

Grupo 3: Este grupo quis aproveitar o facto de incorporar uma aluna que está aprender piano. O teclado acaba por ser o protagonista desta criação. Foi interessante perceber a intenção clara de ter o xilofone a reforçar a melodia em partes muito específicas. A percussão aparece, apenas, no início da interpretação, dando-lhe destaque. Embora tenham repetido e terminado de forma diferente, o grupo explicou que o desenho da partitura esteve na origem do glissando que encerra criação (antes da repetição).

Grupo 4: É, porventura, a criação em que se consegue distinguir mais facilmente o princípio, meio e fim da obra. Identifica-se a abertura pelos metalofones e, depois, o surgimento do padrão rítmico, protagonizado pelos bongós e pandeiretas, que pauta o desenvolvimento da peça de forma clara. O ponto de partida para este grupo foi, precisamente, a criação deste padrão rítmico. O final é, igualmente, repleto de intenção.

Grupo 5: Um grupo de percussão. Percebeu-se a intenção deste grupo apresentar uma obra com as características de uma fanfarra interpretando uma marcha. A caixa é o instrumento principal, com resposta do bombo. De destacar, para além disso, a introdução da flauta de bisel. De lamentar, contudo, o facto do aluno TS não ter trazido a concertina como o próprio tinha sugerido, tendo-a substituído por uma pandeireta. Seria bastante enriquecedor.

ANEXO 10: PLANIFICAÇÃO E REFLEXÃO DE AULA 37.

PLANIFICAÇÃO DE AULA 37			
Unidade 5			
		Turma: 5.º ano	Lição: 58
		Data: 22 - 05 - 2025	
Sumário	Realização do trabalho final de grupo.		
Conceitos /Conteúdos	Ostinato, forma, partitura gráfica, notação não convencional, improvisação, criação e experimentação.		
Domínios /Aprendizagens	<p>Experimentação e criação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações, etc.) e técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas; • Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e software); • Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo. <p>Apropriação e reflexão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais. • Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer e dar significado ao mundo, relacionando-a com o seu dia a dia, e os seus mundos pessoais e sociais. 		
Aprendizagens específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivar as práticas de criação / experimentação; • Promover o trabalho de grupo e a criatividade (ideias de autoria); • Consolidar a abordagem à notação não convencional; 		
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Flauta de bisel; • Instrumentos da sala de aula; • Papel de várias cores a ser distribuído pelo professor; • Computador e colunas; • Tela e projetor; • Guitarra/ Teclado; • Quadro e caneta. 		
Atividades /Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção do sumário e verificação das faltas de material; • Realização do trabalho final de grupo (criação / experimentação): os alunos reúnem-se nos grupos previamente estabelecidos e, com base nas experiências e atividades preparatórias realizadas nas últimas aulas, vão criar a sua composição e registá-la em partitura gráfica. Os alunos deverão utilizar os instrumentos já escolhidos anteriormente. O professor deverá deixar bem claro que aos grupos que só poderão recorrer a figuras geométricas para escrever a partitura. O professor distribuirá até 4 papéis coloridos que significam até 4 "gestos" diferentes. Os grupos criam os "gestos" para, posteriormente, os ordenarem e estabelecerem a estrutura formal da sua composição. Neste caso, cada papel de cor diferente corresponde a um "gesto" como se tratando de uma peça de um puzzle que os grupos vão montar. Assim que a composição estiver preparada, os grupos vão apresentá-la à turma. É previsível que seja necessária mais que uma aula para a realização do trabalho. • Reflexão/Diálogo com os alunos acerca da aula. 		
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Qualidade do processo de trabalho e apresentação da composição original; 		
Referências			

Reflexão n.º 37
20 de maio de 2025
João Pedro Adrega

F

inalizar.

Dia de finalizar o projeto “E se a Música fosse um puzzle?”. Decorreu, hoje, a última atividade de criação/experimentação e que, também, está na origem do título do projeto e do relatório da Prática de Ensino Supervisionada. À semelhança da aula anterior, a professora cooperante disponibilizou o tempo total de hoje. No entanto, deu uma notícia que já tinha antevisto: há ficha de avaliação na próxima aula. A aula começou, precisamente, com essa comunicação, o que deixou a turma sob sobressalto. Pareceu-me que os alunos já não estavam a contar ter teste. No entanto, a professora cooperante explicou quer era importante avaliar, pelo menos, unidade 4 de forma formal neste 3.º período.

Comunicada a informação, hora de trabalhar. Os sumários ficaram para mais tarde.

Após o sucesso da atividade da última aula, hoje realizámos a última e principal atividade do projeto. Os alunos distribuíram-se pelos grupos e prepararam-se de igual modo para iniciar o trabalho. Comecei por lhes explicar que, hoje, o desafio era diferente. Não havia nenhuma partitura gráfica que servisse de base. Eles é que teriam a missão de a construir. Notei um misto de entusiasmo e desconfiança. Tentei tranquiliza-los e avancei para a explicação de como iam trabalhar. Como um puzzle é composto por peças, também a Música resulta de um conjunto de ideias que, juntas, resultam em belas obras. Desafiei, então, os alunos a criarem as “peças” para este puzzle, a criação final deles. Para isso, distribuí papéis até 4 cores diferentes, explicando-lhes que cada cor simbolizava uma peça, ao seja, cada grupo poderia ter até 4 peças na sua criação. Podiam repeti-las, se fosse o caso. Nesses papéis, os alunos iam desenhar os “gestos” musicais para, mais tarde, montarem o puzzle e definirem a estrutura da composição. Estava, então, tudo preparado para trabalhar!

Tal como na aula passada, dei 40 minutos para a criação da obra original e 20 minutos para a performance final. Senti que, desta vez, o processo de trabalho foi mais desorganizado e apressado. Tínhamos a pressão de já não termos nenhuma aula que pudéssemos dedicar a este projeto. Ainda assim, com mais pressa que o pretendido, tudo se fez dentro do tempo necessário.

A desorganização e a pressa para terminar foram, de alguma forma, inimigas da perfeição. Penso que as performances da atividade anterior correram melhor. Ainda assim, deixo os principais destaques.

Grupo 1: Porventura, o grupo que mais sofreu com as condicionantes acima referidas. No entanto, conseguiram apresentar uma melodia em metalofone, com resposta do xilofone (entretanto adicionado). O grupo sofreu com a ausência da aluna M que toca bandolim e foi uma das responsáveis pelo sucesso do grupo na atividade anterior. Uma atenção curiosa para o soar da campainha, assinalando a hora do final da aula.

Grupo 2: Mais um trabalho muito interessante deste grupo. Desta vez, o clarinete já não se destaca entre os demais. A composição deste grupo é uma série de perguntas e respostas, como se estivessem a estabelecer um diálogo entre instrumentos. Muito bem!

Grupo 3: Tal como na atividade anterior, o piano protagoniza a composição do grupo 3. A criação ficou muito interessante, com uma melodia viva, dinâmica e bastante ritmada. Gostei, particularmente, da introdução, muito bem articulada entre os diferentes instrumentos.

Grupo 4: Mais um trabalho com muita qualidade, fazendo lembrar a sonoridade do contemporâneo. Neste caso, os metalofones têm o papel principal e são complementados pelos bongós e caixa chinesa. Este grupo tinha percebido mal a tarefa, mas ainda foram bem a tempo de corrigir e apresentar um belo resultado.

Grupo 5: Simples e eficaz. Este grupo, voltando a ser prejudicado pelo aluno TS que voltou a não trazer a concertina, apresentou uma composição curta, mas repleta de energia. Mais uma vez, a flauta fez a abertura e do resto encarregou-se a percussão.

Assinalo, desta forma, o fim do projeto, ficando a restar a realização da ficha de avaliação, os ensaios e o espetáculo final do projeto artístico do agrupamento e a última aula. Faço uma avaliação muito positiva do projeto. Agradeço aos alunos todo o envolvimento e motivação que depositaram neste trabalho. As performances e as partituras são ótimos produtos finais, mas, mais importante, saliento a forma como decorreu o processo de trabalho. Todos foram muito respeitosos para com o outro e estou muito feliz por ter conseguido proporcionar uma atividade que permitiu e deu espaço para os alunos pensarem Música, refletirem sobre Música, experimentarem Música e, finalmente, criarem Música.

Alguns registros das partituras criadas pelos alunos:

